

AMICUS

Sociedade Amigos da Cultura



BATAÍAS-SP ANO I, Nº 1 - 2ª EDIÇÃO - JULHO/2000

APOIO:

COMPLEXO GRÁFICO
Villimpress
(16) 829-5696 RIBEIRÃO PRETO - SP
LEVANDO A SÉRIO O SEU PAPEL

BATAÍAS-SP ANO I, Nº 1 - 2ª EDIÇÃO - JULHO/2000

AMICUS

Sociedade Amigos da Cultura

AMICUS - Batatais-SP - Ano I - Nº 1 - 2ª Edição
p. 01-68 - julho 2000

NOSSA CAPA: Antiga Igreja do Rosário de Batatais
(Vide artigo "Restaurando uma imagem perdida")

DMK - Assessoria e Marketing - Design gráfico e Execução

SOCIEDADE AMIGOS DA CULTURA

AMICUS

Conselho Consultivo e de Editoração
Coordenador: Walter Cardoso

Membros: Gaspar de Sousa Prado Neto
José Carlos de Medeiros Pereira
Maria Clarisse Bombonato Prado

Conselho de Publicação
Coordenador: Sérgio Corrêa Amaro

Membros: Claudete Camargo Pereira Basaglia
Clotilde de Santa Clara Medina Cardoso

Para Correspondência:
Sociedade Amigos da Cultura
Rua Dom Bosco, 1088
CEP: 14300-000 - Batatais-SP
Email - wcardoso@netsite.com.br

SUMÁRIO/CONTENTS

Editorial - Nossos Propósitos 5

ARTIGOS/ARTICLES ·

Restaurando uma imagem perdida
Restoring a lost image
Gaspar de Sousa PRADO NETO 7

Batatais...no tempo e na história
Batatais...a long time and history
Jesus Machado TAMBELLINI 9

Os anúncios em jornais antigos de Batatais
Advertisements published in the old newspapers of Batatais
Sérgio Corrêa AMARO 11

A música em Batatais nos velhos tempos
The music in Batatais in the old times
Clotilde de Santa Clara Medina CARDOSO 21

O roubador de conversas
The talk's stealer
Claudete Camargo Pereira BASAGLIA 41

Batatais nos seus primórdios
Batatais in its beginning
João Carlos BIANCO 45

SEÇÕES

GENTE DE MINHA TERRA	53
D. Emília	
José Carlos de Medeiros PEREIRA	
ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E MUSEUS	57
Um lugar de memória: O arquivo da Câmara Municipal de Batatais	
Alessandra BALTAZAR	
Karina E. SERRAZES	
Luciana SQUARIZI	
RESENHA BIBLIOGRÁFICA	59
Batatais, na história regional	
Walter CARDOSO	
NOTICIÁRIO	61
Criada oficialmente a Sociedade Amigos da Cultura	
Maria Clarisse Bombonato PRADO	
ÍNDICE DE AUTORES	63
NORMAS PARA A APRESENTAÇÃO DE ORIGINAL	65

NOSSOS PROPÓSITOS

Graças ao trabalho dedicado e proffiuo de um grupo de colaboradores, AMICUS está lançando aqui seu primeiro número. Trata-se de uma publicação da Sociedade Amigos da Cultura, de Batatais-SP, cujos objetivos ficam registrados no artigo 1º de seus Estatutos, onde se lê que nossa Sociedade é uma entidade civil, apolítica e sem fins lucrativos, destinada a “promover estudos históricos, geográficos, folclóricos e das ciências sociais afins, referentes principalmente à cidade de Batatais e também da região, do estado ou do país”.

Como se depreende, é nosso propósito incentivar as mais variadas atividades culturais, estimulando não apenas aqueles trabalhos que se fundamentam no mais absoluto rigor científico, mas também todas aquelas autênticas manifestações culturais que brotam espontaneamente nos mais variados segmentos ditos populares. Daí, a impossibilidade de se dissociar homem e cultura.

Assim, nossos propósitos tornam-se compreensíveis: estamos abertos a todos aqueles que, das mais variadas formas, interessam-se pelas questões de nosso passado, suas tradições, festas populares, bem como seus artistas plásticos, músicos, enfim, pelas mais variadas manifestações de espírito de nossa gente.

Temos consciência de nossos compromissos com Batatais, cujas tradições e passado glorioso já são por demais conhecidos. Temos também consciência de que serão cumpridas as aspirações daqueles que, com o maior desprendimento e honestidade, estiveram ao nosso lado, desde quando iniciamos as primeiras conversações para a criação desta sociedade.

Quanto ao nome desta publicação, basta registrar que já no *Latium antiquum* – onde mais tarde surgiu Roma – cultivava-se a amizade. A ela, construíram-se altares, cujas alegorias simbolizavam a afinidade existente entre amigos. Que se busque, pois, na sabedoria latina, a palavra-chave para indicar as intenções de nossa revista. Que AMICUS cumpra os propósitos da Sociedade Amigos da Cultura, mantendo-se sempre fiel a eles, esta é a nossa maior aspiração.

Walter Cardoso
Coordenador do Conselho
Consultivo e de Editoração

RESTAURANDO UMA IMAGEM PERDIDA

Gaspar de Sousa PRADO NETO *

RESUMO: Graças a criterioso trabalho iconográfico, a antiga Igreja do Rosário, que já fora referida por Jean de Frans, é novamente descrita, de forma mais precisa.

UNITERMOS: Arquivo, fotografia, Igreja do Rosário, arquitetura, campanário.

Todos os que se interessam pela memória de nossa Batatais devem ter percebido, como eu, uma curiosa lacuna. Apesar das inevitáveis demolições ao longo do tempo, praticamente toda a cidade antiga pode ser restaurada pelo registro fotográfico existente, diluído nos acervos particulares ou oficiais. Entretanto, no lugar onde hoje se encontra a Câmara Municipal, existiu no passado a Igreja do Rosário, que deu origem ao largo homônimo, hoje Praça Washington Luís, demolida em 1924, para dar lugar ao prédio da Câmara.

Para uma cidade que até então possuía apenas duas igrejas, sempre foi intrigante para mim haver registro fotográfico apenas da Igreja Matriz, ficando a do Rosário por conta da nossa imaginação.

Algumas felizes coincidências ajudaram pouco a pouco a elucidar o nosso enigma. Há pouco tempo recebi das mãos de D. Elma Scatena algumas fotos pertencentes ao acervo da família. Entre elas a foto de uma Capela desconhecida, num largo despovoado de construções. O faro de quem há muito remexe as imagens do passado me despertou a possibilidade – Será a Igreja do Rosário? Recorri para obter a resposta à nossa parca historiografia. Diz José Augusto Fernandes, o nosso “Jean de Frans”, no seu livro Bom Jesus da Cana Verde, à página 17: “A igreja do Rosário ficava ao fundo do largo desse nome, era acanhada, sem coro e sem torre, com um só altar, tendo, do lado de fora, à esquerda, uma armação de madeira, muito alta e coberta de telhas, abrigando os sinos.”

A nosso foto não tinha o tal campanário lateral e foi assim guardada sem reconhecimento.

Recentemente, a Câmara Municipal recebeu, para integrar o seu arquivo, dos descendentes de José Augusto Fernandes, o acervo remanescente deste sobre Batatais. Entre fotos da primeira década do século XX, veio também uma coleção de artigos de jornais, intitulada Campo Lindo das Araras, que certamente constituiria um novo livro não publicado. Com muito interesse encontro o artigo “A Igreja do Rosário”, que forma o capítulo 3: “Era a Igreja do Rosário, de escassas dimensões, exígua capela mor, sem coro nem tribuna, um único altar, com a imagem da Senhora do Rosário, um cercado de madeira à direita da entrada e a meia nave para a orquestra (era ali que se instalava a secção eleitoral), larga porta à frente e quatro laterais, estreitas, e uma sacristia mais ou menos ampla. Sobre a porta principal, três janelas envidraçadas. Nada de torres. Fora do lado esquerdo, uma armação de quatro esteios toscos e cobertura de telhas que tocava o telhado da igreja, guardava os sinos, cujas cordas desciam até o chão.” Mais adiante completa: “Somente em 1902 (1), foram introduzidos alguns melhoramentos: - pintura geral; construção do coro; abertura, entre as janelas da frente, para a colocação dos sinos, e supressão daquela armação que havia ao lado.”

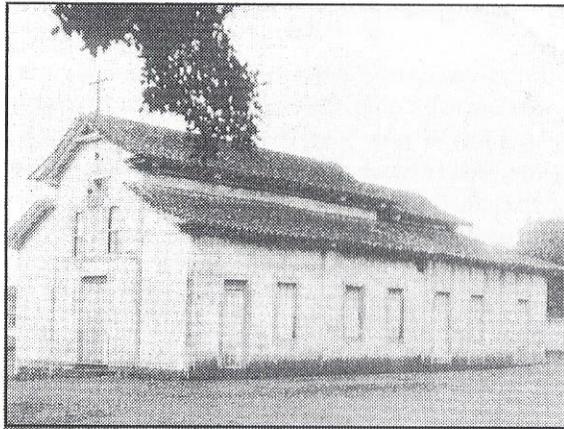
* Pesquisador da iconografia de Batatais.

A imagem que temos agora bate perfeitamente com a nossa foto: a janela do centro desaparece para dar lugar aos sinos e o toco campanário não aparece porque fora suprimido. É a Igreja do Rosário.

Ainda assim, para eliminar a possibilidade de uma coincidência, ampliamos o Largo do Rosário, detalhe de uma vista geral da cidade na segunda década do século XX. O telhado da mesma, com duas águas seccionadas, como se houvesse duas alas, as janelas e portas laterais se mostraram idênticos ao da foto e lá ainda estava o campanário, que seria demolido depois. Não há dúvida, é a Igreja do Rosário.

Simples e despojada como o casario colonial que formava o trivial da arquitetura de então, não se constituiu foco de interesse para os fotógrafos da época. Resta, pois, agradecer ao fotógrafo anônimo que teve a sensibilidade de perceber a sua importância e a registrou para a posteridade.

(1) – A data de 1902 referida como sendo o ano da supressão do campanário parece estar incorreta, uma vez que, na vista geral, o campanário aparece, sendo a foto da segunda década do século XX.



IGREJA DO ROSÁRIO

PRADO NETO, Gaspar de Sousa. Restoring a lost image. AMICUS, Batatais-SP, ano I nº 1 - P.7-8 - Julho 2000

A BSTRACT: A judicious iconographical research makes possible a new description of an old church, already described by Jean de Fraus

KEYWORDS: Archive photography, church of Rosário, architecture, steeple

BATATAES... NO TEMPO E NA HISTÓRIA

Jesus Machado TAMBELLINI*

RESUMO: Breve referência à evolução histórica de Batatais, com informações que partem do século XVI, até 14 de março de 1839, quando a freguesia é elevada à categoria de vila.

UNITERMOS: Paragem, sesmária, freguesia, vila.

Estamos acostumados a falar em Batataes, tendo como referência o ano de 1839, ou seja, a data de 14 de março do aludido ano, e a qual, com propriedade, registra a sua elevação a Vila.

Nossa visão, a respeito, deve ser alongada.

Não nos parece descabido o se dizer que a Bandeira de Afonso Sardinha, pai e filho, e de João do Prado, já por 1594/1599 tenha visitado a paragem, quando alcançou as margens do Rio Grande, então denominado Rio Jeticahy.

Mera alusão, resultante de induções convincentes, mas desarrimadas de provas.

Ninguém pode negar, todavia, que a região dos Batataes fosse conhecida e merecesse referências, como tal, já no ano de 1668. Vista como uma Sesmária, concedendo terras aos Frades Beneditinos, nesta data, de forma explícita aludia ao “Sertão dos Batataes”.

Prova, portanto, documental.

De época aproximada, 1664, teria sido a carta escrita por Ignácio Vieira ao seu pai, dando-lhe notícias de estar arranchado no Arraial dos Batataes, guardando provisões da Bandeira, que seguira em frente. Documento esse de suma relevância, pelo fato de constituir a única missiva de que se tem notícia, escrita por um Bandeirante. E, portanto, valioso. Por este motivo e outros mais; inclusive por retratar o tratamento respeitoso do nosso meio familiar de então.

Dissemos ser o apontado documento do ano de 1664, com base em estudo que fizemos; dado que o mesmo é assinalado por dia e mês, mas sem consignar o ano. Daí a nossa pesquisa e a conclusão alcançada.

Mas não é só.

Em 1683 se tem um processo judicial relacionado com Batataes.

Então, em Batataes, fizera uma roça o Sertanista Francisco Bueno de Camargo, destinada à provisão alimentar duma Entrada que tencionava realizar, sertão afora; sendo que a deixou sob a guarda e zelo de um escravo - “gentio da terra” - de nome João. Mas

*Advogado. Procurador aposentado do Estado de São Paulo.
Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

não é assim que, após isso, passa por Batataes outro Sertanista, cujo nome era Manoel Pinto Guedes, o qual, tomando conhecimento de que o referido João era um exímio sertanista, o seduz a acompanhá-lo. Consegue o seu intento, só que ele e o mencionado João vêm de ser mal-sucedidos. Acabam não voltando: morrem.

Tomando conhecimento da ocorrência, Francisco Bueno de Camargo move uma ação indenizatória contra a Família do falecido Guedes, pleiteando um reparo econômico sobre o escravo João; e que acaba lhe sendo concedido, no valor de duzentas patacas. Isto, em 1683.

É certo, ainda, que de 1726 é um Bando de Rodrigo César de Menezes, Governador da Província, cuidando de pôr cobro ao apresamento de índios aldeados, e onde também fala “dos Batataes do Sertão dos Guayazes”.

E de 1728, data a Sesmaria dos Batataes, concedida a Pedro da Rocha Pimentel.

Em 1810, é feito o pedido para a criação da “Freguezia”, atendido por Alvará Régio de 25 de fevereiro de 1815.

E, finalmente, vem o 14 de março de 1839, que é quando se dá a elevação de Batataes a Vila.

Uma longa caminhada ... no tempo e na História.

TAMBELLINI, Jesus Machado. Batataes...a long time and history. AMICUS, Batatais-SP, ano I n° 1 - P. 9-10 - Julho 2000

ABSTRACT: Short reference to the historic evolution of Batataes, with information which comes from the 16th Century, up to the 14th of March, 1839, when the village officially became a municipality.

KEYWORDS: Stop-over, “sesmaria”, parish, village.

OS ANÚNCIOS EM JORNAIS ANTIGOS DE BATATAIS

Sérgio Corrêa AMARO*

RESUMO: A exemplo do que se verifica em outras cidades brasileiras, de Batatais também se pode contar uma interessantíssima história de seus jornais, bem como dos anúncios neles publicados.

UNITERMOS: Jornais, anúncios, comunicação, leitores.

Introdução

A fim de que melhor se possa compreender o que representaram os anúncios em jornais antigos de Batatais, é oportuno tecer algumas considerações acerca dos tipos e formas de propaganda.

O sentido desta como idéia de estabelecer, de inculcar uma idéia ou crença na mente alheia, remonta ao século XVI quando da fundação da Congregação da Propaganda, pelo Papa Clemente VII, com a finalidade de propagar a fé católica.

A publicidade atua como uma das muitas forças que estão relacionadas com a comunicação, entendida aqui como processo social fundamental, conjunto de todos os signos e símbolos pelos quais os humanos transmitem a outros humanos significados e valores.

Reduzindo-se o fenômeno da comunicação à sua fórmula mais simples, encontramos três elementos essenciais ao processo da comunicação: transmissor – mensagem – receptor.

A teoria geral da comunicação ensina que os sinais emitidos possuem significação apenas para o receptor que souber interpretá-los; comunicação é, assim, basicamente um processo de transmissão de idéias entre indivíduos.

Havendo uma mensagem a ser transmitida, no caso, a mensagem publicitária destinada a um grupo consumidor, e escolhido o conteúdo da mensagem, seleciona-se o melhor veículo publicitário.

Sant’Anna (Teoria, técnica e prática da propaganda) classifica os veículos publicitários em: imprensa, publicidade ao ar livre (cartazes e painéis), rádio, televisão, publicidade direta (folhetos, catálogos, prospectos) e mídia suplementar, que envolve todos os demais veículos.

*Licenciado e Bacharel em História pela UNESP, professor do Colégio São José de Batatais. Quintanista de Direito pela UNESP, campus de Franca.

No que se refere à imprensa, cronologicamente no primeiro grande veículo publicitário (o jornal) há três categorias – jornais, revistas e periódicos especializados. Como interessam aqui somente os anúncios publicados em jornais, observemos quais as vantagens e as limitações do jornal enquanto veículo publicitário:

vantagens	limitações
apelo universal	lidos às pressas
maleabilidade	têm vida curta
ação rápida e intensa	má reprodução de anúncios, em geral
controle	circulação quase que exclusivamente local

Apelo universal: de alcance geral, qualquer público ao qual se oferece toda sorte de produtos de consumo amplo.

Maleabilidade: uma propaganda pode ser trocada, cancelada ou inserida no jornal de um momento para o outro. Igualmente pode ser adaptada às condições locais de uma cidade ou região e levar o nome de agentes ou revendedores de cada localidade.

Ação rápida e intensa: pelo jornal a reação se faz mais rápida, permitindo inserções a fim de aumentar a intensidade de uma campanha publicitária

Controle: o revendedor local aceita melhor o produto e é incentivado a colaborar na campanha de vendas.

As limitações do anúncio em jornal são praticamente as mesmas da notícia impressa, dependendo, ainda, da linha ou de tendência do jornal do público a que se destina.

Morel (O anúncio da notícia, 1982, mimeo) divide o universo do discurso jornalístico em Informativo, Interpretativo, Opinativo, Diversional, segundo o segmento da atividade social a que um jornal pode se dedicar, em jornalismo econômico, esportivo, político, etc.

Jornais batataenses por nós arrolados, à falta de um estudo mais acurado sobre a tendência ou linha por eles adotada, parecem ser, em maioria, do tipo informativo e/ou interpretativo, tendo havido alguns exclusivamente do tipo diversional, como bem ilustra o caso de O Ósculo, dedicado ao lazer, à literatura e aos passatempos das jovens senhoritas batataenses de 1903....

Histórico da propaganda na imprensa brasileira

No caso da imprensa brasileira, verifica-se que a propaganda no Brasil surgiu em 1808, ano da fundação daquele que seria o primeiro jornal do país “Gazeta do Rio de Janeiro”, inovação introduzida com a chegada da Família Real Portuguesa.

Nas páginas da Gazeta do Rio de Janeiro publicou-se o primeiro anúncio, de estilo simples e direto, tipo classificado, que vale a pena transcrever na íntegra: “Quem quiser comprar uma morada de casas de sobrado, com frente para Santa Rita, fale com Ana Joaquina da Silva, que mora nas mesmas casas ou com o Capitão Francisco Pereira de Mesquita, que tem ordem para as vender”.

Desta data em diante surgem pequenos textos, com ou sem título, sem ilustrações, do tipo “classificados”, que oferecem produtos e serviços, imóveis para vender ou alugar, professores de línguas, ofertas de escravos e recompensas para quem encontrasse “negros fujões”.

Painéis de rua, panfletos e bulas de remédios distribuídos pela cidade começaram a aparecer por volta de 1860.

Em 1875, os jornais “Mequetrefe” e “O Mosquito” introduzem os reclames ilustrados com desenhos, rotogravuras e logótipos, ocupando espaços cada vez maiores.

As revistas nascem ao raiar do século XX, trazem a atmosfera mundana, mais leve da vida social. É Paris, ainda, a ditar a moda e a influenciar os costumes. Máquinas mais modernas importadas favorecem um acabamento mais refinado de tais publicações, inclusive com fotos de senhorinhas e ecos parisienses, sonetos e caricaturas políticas.

O período de 1900 a 1913 marca a presença Art-Nouveau na imprensa brasileira, principalmente a das cidades maiores e, naturalmente, a do Rio de Janeiro e São Paulo.

Poetas e artistas de renome dão a sua contribuição: Olavo Bilac, Emílio de Menezes e, mais tarde, Bastos Tigre.

Em linhas rápidas são estes os principais momentos da história da propaganda na imprensa brasileira durante o período aqui estudado.

A Imprensa em Batatais

A imprensa periódica se faz presente em Batatais desde 1882, quando foi fundado seu primeiro jornal, intitulado “o Século”, posteriormente “O Século XIX”. Nasceu este semanário da iniciativa de César Augusto Ribeiro, professor e jornalista português, com escola situada na antiga Rua do Comércio.

Coadjuvava César Ribeiro o também professor e jornalista Gaspar da Silva. Logo depois, ambos se transferiram para Franca, onde dirigiram o “Nono Distrito”. Mais tarde, César Ribeiro segue para São Paulo, onde fundou o “Comércio de São Paulo” e era correspondente de uma revista alemã. Pouca coisa mais sabemos deste fundador da imprensa periódica em Batatais, as poucas referências a respeito de sua carreira e seu falecimento encontramos-las no Almanaque de Franca para 1902. Ali se noticia sua morte ocorrida alguns anos antes, sem maiores detalhes e várias crônicas elogiosas acerca de sua passagem por Franca e o jornal que fundara. De Gaspar da Silva sabemos menos ainda, apenas que se retirou para Portugal com o título de Visconde de São Boaventura.

Tanto deste primeiro periódico batataense, como de alguns outros que se lhe seguiram não resta um único exemplar que seja, pelo menos de que tenhamos tido conhecimento, após infrutíferas pesquisas nos acervos da Biblioteca Nacional, do Arquivo do Estado de São Paulo, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e na Biblioteca Mário de Andrade, na capital paulista.

Mesmo a data de criação de “O Século”, que tínhamos como correta ao compulsar a obra de Jean de Frans ainda nos parece carecedora de fundamento, uma vez que Freitas Nobre, em História da Imprensa em São Paulo (1958) cita como 1883, um ano, portanto, depois da referida por Jean de Frans....

É bom que se diga que a maior das informações referentes à imprensa batataense nos seus primórdios estão no livro Bom Jesus da Cana Verde – Batatais de Outrora, da autoria de Jean de Frans, pseudônimo de José Augusto Fernandes, em alguns casos é a única fonte disponível a enumerar os jornais antigos de Batatais.

Embora no decorrer de trinta e cinco anos da história jornalística batataense tenham surgido 37 periódicos, esmagadora maioria de títulos foi de curta duração. Não só em Batatais o fenômeno ocorreu, mas em quase todas as cidades que tiveram imprensa periódica na época em questão (final do século XIX e início deste), o que se explica pelo alto custo de máquinas impressoras, dificuldade de transporte das mesmas para onde ainda não houvesse estrada de ferro, tiragens reduzidas, pela notória pequena parcela de pessoas que sabiam ler e escrever, pela baixa concentração populacional em núcleos urbanos, mudança de redatores para outros lugares, uma gama bem vasta de motivos desanimadores de qualquer boa vontade em colocar em letras impressas idéias e fatos. Não podemos nos descuidar, também, do fator político, uma vez que um jornal do interior, sem apoio financeiro dos governos constituídos, seja por questões ideológicas, seja pela recusa em anunciar ou publicar atos, normas e leis, inviabilizava qualquer projeto mais duradouro de imprensa periódica.

Com exceção de “A Gazeta”, que durou de 1907 até a década de 40, e de “A Pena”, que permaneceu em circulação durante cinco anos (1895-1900), coisa rara se levarmos em consideração o tempo de vida dos demais, o quadro abaixo dá bem uma idéia da profusão de títulos surgidos no período de 1882 até 1912, todos, à exceção dos citados, em circulação por um ano ou menos, poucos meses e inclusive alguns só com três ou quatro números iniciais.

TÍTULO	ANO DE FUNDAÇÃO
O Século	1882
A União	1884
O Clarim	1884
O Treze de Maio	1888
A Matraca	1888
O Lutador	1892
O Bogarim	1892
O Cosmopolita	1893
A Pena	1895
A Idéia	1895
A Lei	1895
A Justiça	1895
O Nacionalista	1895
O Direito	1898
A Época	1898
O Sorriso	1898
O Grito	1898
A Mogiana	1900
Variedades	1900
A Primavera	1900

TÍTULO	ANO DE FUNDAÇÃO
Correio de Batatais	1901
Folha de Batatais	1901
Comarca de Batatais	1902
Revista da Sociedade	
Cívico-Literária de Batatais	1902
O Cavador	1903
O Ósculo	1903
O Cartel	1903
A Cimitarra	1904
A Sogra	1905
Crisol	1905
O Diário de Batatais	1907
A Gazeta	1907
A Imprensa	1909
A Cidade	1910
O Castelo	1910 (?)
O Município	1910 (?)
O Progresso	1912

O público dos jornais batataenses

Pesquisar a respeito dos anúncios e propagandas em jornais antigos de Batatais suscitou algumas questões. Qual a tiragem de um determinado periódico? Que público de leitores atingia? Qual a camada social preferencial?

Sem a pretensão de responder plenamente a estas questões, limitamo-nos a esboçar um quadro demográfico da população batataense em épocas diversas, procurando algumas conclusões que, se não esclarecem perfeitamente tudo o que se refere aos leitores de jornal, ao menos permitem aproximarmo-nos delas.

Número de habitantes de Batatais: 1874 – 1940

1874	1886	1898	1900	1920	1934	1940
13.464	19.915	23.174	19.164	21.816	24.772	20.070

No ano de 1898, em recenseamento ordenado por Washington Luís, intendente municipal à época, surge um dado interessante: do total de habitantes do primeiro distrito, isto é, a cidade e sua área rural, em número de 17.174 pessoas (o restante habitava o segundo distrito, formado por Mato Grosso, a Altinópolis atual), apenas 4.163 (24%) sabiam ler.

Ora, ao que se sabe, os jornais eram distribuídos apenas na cidade, quando muito um fazendeiro ou alguém letrado de sua família mandava buscar um exemplar de jornal na cidade.

Se levarmos em conta outro dado do mesmo recenseamento, a população urbana e a rural, as coisas se aclaram um pouco mais.

População de Batatais – 1898 (1º distrito)

Moram na cidade	3.637 (21%)
Moram no campo	13.537 (79%)
Total	17.174

A simples comparação de números esclarece que o número dos que sabem ler é maior que o número de habitantes da cidade, e se levarmos em consideração que na cidade coexistem letrados e analfabetos, que um jornal é lido em média por quatro pessoas, então a tiragem dos periódicos deveria ser pequena e o efeito de um anúncio, conseqüentemente, restrito.

O boca-a-boca a respeito de um artigo de consumo, de um serviço anunciado, devia ter a sua eficácia, não fosse a aglomeração urbana reduzida onde poucos lêem, e os analfabetos, longe de ignorarem as qualidades ou o preço de uma mercadoria, tomavam conhecimento “por ouvir dizer”.

O caso do pequeno público leitor em 1898 é ilustrativo, embora faltem nas fontes consultadas dados sobre o analfabetismo nas outras datas assinaladas. A alta percentagem populacional no campo (79%) coincide com a do Brasil em 1900 (64%).

É de se concluir que o jornal em Batatais era artigo quase que de luxo, restrito a um pequeno número de letrados que formavam a “elite” senão política e econômica, pelo menos intelectual.

O cotidiano revelado pela propaganda

A área comercial anunciante

Quem anuncia nos jornais? Bem, uma gama bem variada de produtos e serviços são oferecidos, além daqueles anúncios pessoais, que dizem respeito ao indivíduo que deixa a cidade, por exemplo, e se transfere para a capital, oferecendo lá seus “limitados préstimos”, ou do marido que em 1909 proclama não se responsabilizar por compras a crédito da esposa, e até pessoas oferecendo recompensas por cães perdidos.

As casas comerciais que fazem propaganda de mercadorias são empórios, armazéns, depósitos, lojas, sapatarias, selarias, relojoarias, papelarias, farmácias.

Quanto aos estabelecimentos que produzem algo ou transformam, encontram-se “máquinas” beneficiadoras de arroz, café e açúcar, curtumes, marmorarias, carpintarias, alfaiatarias, pequenas fábricas de bebidas, colchões de cortiça, farináceos e sementes de capim.

Os serviços anunciados dão preferência a médicos, dentistas e advogados; com menos freqüência surgem professores particulares, escolas, guarda-livros, barbearias e fotógrafos.

Companhias de teatro italianas, como a Módena, anunciam espetáculos em 1898, apresentando ao “distinto público e exmas. famílias” a Tosca ou o Otelo.

Em termos de diversões aparece um interessante anúncio em “A Pena”, de 1898, referente à Sociedade Musical Memória do Mestre Leonardo, dirigida pelo Prof. Costa Machado que se propõe a executar qualquer trabalho de música tanto sacra quanto profana sob encomenda, tudo “com esmerado empenho”.

Ao chegar o cinematógrafo na virada do século, os filmes (serpentinadas, como se dizia), sempre de curtíssima metragem, de poucos minutos, são anunciados com antecedência, às vezes com pequeno resumo.

Bares, hotéis, pensões, quase não anunciam, embora saibamos de sua existência de forma indireta, citados em artigos ou crônicas estampados nos vários jornais consultados.

As associações filantrópicas, religiosas, de socorros mútuos e as lojas maçônicas vez por outra publicam avisos, editais e notas.

Em matéria de volume de publicidade, os maiores anunciantes são as lojas, que vendem desde artigos importados a ferramentas agrícolas, configurando um estabelecimento eclético que oferece “grande sortimento” e variado estoque de produtos e, naturalmente, os fabricantes de remédios, anunciados separadamente das farmácias.

Se no Brasil as agências publicitárias dignas desse nome surgiram apenas por volta de 1913 nos grandes centros, bem antes dessa época os remédios e seus fabricantes faziam verdadeiras campanhas publicitárias, lançando mão de vários tipos de propaganda, como veremos adiante, estampando seus produtos em jornais de grande circulação como *O Estado de São Paulo*, ou nos periódicos de pequenas localidades.

Aliás, os remédios, elixires, vinhos medicinais e tônicos de toda espécie são constantes ao longo da história da propaganda no Brasil, seja em jornais, revistas ou painéis de rua.

Análise de propagandas: os remédios e os artigos importados

Remédios em anúncios: a cura de todos os males

Os fabricantes de remédios foram grandes anunciantes na imprensa brasileira, seja em jornais, seja em revistas; a desgastada imagem do Brasil “um vasto hospital” é plenamente justificada, haja vista o volume de mensagens publicitárias de medicamentos para as mais variadas doenças.

As moléstias infecto-contagiosas, como a febre amarela, varíola, sarampo, peste, escarlatina, difteria, impaludismo, tifo, disenteria, beribéri, lepra, tuberculose, coqueluche e gripe eram as principais causadoras da mortalidade no começo do século XX e uma década depois este quadro sofrerá apenas algumas mudanças, com as campanhas de Osvaldo Cruz e as obras de saneamento, principalmente no Rio de Janeiro.

Os jornais antigos de Batatais traziam ao final de cada mês uma coluna com o movimento dos cemitérios locais e a causa mortis; as doenças que mais faziam vítimas fatais eram as das vias respiratórias como a bronquite, pneumonia, lesão pulmonar; intestinais como a enterocolite, diarreia e verminoses; e um número elevado de natimortos por fraqueza congênita e o que chamavam eufemisticamente de “inviabilidade”, talvez referindo-se a abortos.

Veza por outra a varicela e a varíola eram responsáveis por surtos epidêmicos em Batatais e na região, aparecendo no noticiário nos meses de verão, como ocorrido em 1910-11.

Alguns medicamentos, à custa de intensa campanha publicitária numa época em que ainda não havia agências, ficaram conhecidos do grande público, como é o caso da Emulsão de Scott (óleo de fígado de bacalhau), o Peitoral de Angico Pelotense, o Elixir de Nogueira, Salsa, Caroba e Guaiaco, as Pílulas Dr. Oscar Heinzelmann, o Iodolino de Orh e tantos outros a publicar nas páginas dos periódicos durante anos a fio, em muitos casos sem alterar os dizeres e a apresentação.

O caráter de panacéia universal é quase patente em certos remédios anunciados; as Pílulas Dr. Oscar Heinzelmann, por exemplo, eram indicadas num mesmo anúncio para prisão de ventre, indigestões, palpitações, dores no coração, moleza, desânimo, fastio, tristeza, doenças graves do estômago, fígado, rins e intestinos; escrófulas e cores pálidas; pessoas fracas, nervosas e sem vontade própria; irregularidade na menstruação, corrimento e flores brancas!

A terrível Emulsão de Scott apregoava sua eficácia contra a anemia, raquitismo, escrófula e tuberculose, reconstituente para recobrar a “integridade física e o vigor dos centros nervosos”.

Para a sífilis, bastante comum à época, o Elixir de Nogueira prometia curas maravilhosas, fosse qual fosse o estágio em que a doença se apresentasse.

Os anúncios de remédios limitavam-se a exaltar as propriedades, componentes e indicações com estratégias publicitárias simples; dava-se grande valor aos depoimentos escritos e firmados por pessoas curadas de determinado mal, publicados junto ao anúncio propriamente dito.

Além de remédios, outros produtos-medicamentos foram anunciados, como os famosos vinhos e águas medicinais, as loções para fazer crescer cabelo (Dulcinéia e Petróleo Americano) e produtos de beleza com sotaque francês ou inglês como os extratos Peau d'Espagne, Sweet Pea e Le Vertige; as brilhantinas que os “smarts” não dispensavam: Muguet, Mystère d'Amour e sabonetes como o Dragon Fly.

A qualidade anunciada: os artigos importados

A dependência brasileira dos bens de consumo de países da Europa sempre se fez presente ao longo de sua história, em razão da dependência de Portugal em relação à Inglaterra e França, principalmente. A independência política não modificou substancialmente este quadro, pois a industrialização só alcançaria desenvolvimento em pleno século XX.

Importávamos praticamente tudo. Um manifesto publicado no Diário Oficial de outubro de 1862 dava conta que desembarca no Rio de Janeiro um navio inglês com

as seguintes mercadorias: aço, baldes, bolachas, cadeiras, chá, charutos, cimento, drogas diversas, esteiras, estopim, farinha de trigo, ferragens, graxa, instrumentos agrícolas, mobília, papel de embrulho, armarinhos, objetos domésticos, vidros e até vassouras.

Numa cidade como Batatais, voltada especialmente para a agricultura, com destaque para a criação de bovinos e lavoura de café, a situação não poderia ser diferente. Os anúncios refletem bem a presença de artigos importados de origem européia e norte-americana.

Estabelecimentos comerciais como a Casa Belga, de propriedade dos irmãos Nazário, importavam da Bélgica armarinhos, perfumarias, papelaria, conservas, doces e biscoitos finos.

Jóias e relógios europeus podiam ser encontrados na Relojoaria e Joalheira Ponte e Biava, à rua Coronel Joaquim Rosa; a Casa da Mangueira, onde nosso saudoso avô Nenê Corrêa trabalhou na mocidade, anunciava meias rendadas, leques de plumas, luvas, linho e uma infinidade de miudezas provenientes do Rio de Janeiro, diretamente de uma grande casa importadora de armarinho, em fevereiro de 1912.

A presença italiana em Batatais, ainda por merecer um estudo aprofundado, se fez notar também na imprensa periódica, com um jornal próprio, redigido na língua de Dante para a colônia, como foi o caso de “A Idéia”, que circulou em 1895, ou em artigos escritos para outros jornais locais.

O Armazém dela Lanterna di Gênova, de Arturo Scatena, importador de vinho italiano, além de vender e anunciar os mais variados gêneros nacionais e estrangeiros, secos e molhados, encarregava-se de remeter dinheiro para qualquer país da Europa, o que pode significar que o imigrante, principalmente o italiano, estava disposto a trabalhar, juntar algum dinheiro em quantidade suficiente para o seu sustento e ainda mandar para os que ficaram no país de origem.

Aqui se apresentam algumas questões: haveria um controle do montante de divisas que podia sair do Brasil? Qual o volume de dinheiro remetido? Quantos imigrantes estavam realmente em condições de fazê-lo?

De forma geral, os anúncios vendem artigos importados de pequeno porte, máquinas e acessórios pesados, como beneficiadoras de café e arroz, amassadores para macarrão e automóveis são anunciados com menor frequência e apenas de 1912 em diante.

Conclusão

O estudo de jornais e periódicos antigos e especialmente dos anúncios e propagandas é importante para a descoberta de aspectos do cotidiano não revelados em documentos oficiais. No caso de Batatais, onde, desde a fundação do seu primeiro periódico, em 1882 ou 1883, até os dias de hoje, a imprensa sempre participou da vida da cidade; são poucos os lapsos de tempo em que não houvesse pelo menos um jornal em circulação, e considerando-se a má conservação ou a falta mesma de documentos, o jornal nascido para uma vida curta, levando ao público notícias e anúncios para um dia ou um momento, fornece pistas e esclarecimentos a respeito da história local.

Os anúncios e propagandas consultados demonstraram em minúcias as lições tomadas à história social, política e econômica. Provocando o raciocínio, suscitaram mais perguntas que apresentaram respostas, o que não deixa de ser interessante, por conduzir a novas e mais acuradas pesquisas de história local.

Os dois aspectos mais detalhadamente estudados aqui – remédios e artigos importados – conduzem à reflexão sobre a economia e as condições higiênicas e de saúde local, propiciando uma visão mais regionalizada que os trabalhos históricos gerais não demonstram. O dia-a-dia dos batataenses – as doenças que os atingiam e os bens de consumo que compravam – está retratado na imprensa e nos anúncios.

O quadro estaria completo se pudéssemos consultar todos os jornais publicados entre 1882 e 1912, o que não foi possível, até o momento, pela inexistência de exemplares de vários títulos.

AMARO, Sérgio Corrêa. Advertisements published in the old newspapers of Batatais. AMICUS, Batatais-SP. Ano I N°1 - P. 11-20 - Julho 2000

ABSTRACT: Similarly to other Brazilian cities, a very interesting history can be told about the newspapers published in Batatais, as well as about their advertisements.

KEYWORDS: Newspapers, advertisements, communication, readers.

A MÚSICA EM BATATAIS NOS VELHOS TEMPOS

AS BANDAS DE MÚSICA

Clotilde de Santa Clara Medina CARDOSO*

RESUMO: As bandas em Batatais já são conhecidas a partir do último quartel do século XVIII. Formadas inicialmente por mineiros adventícios e depois por imigrantes italianos e seus descendentes, continuam sendo até hoje uma fonte de entretenimento popular.

UNITERMOS: músicos, bandas, maestros, sociedade, Euterpe Batataense.

1 - Introdução

Sabe-se que os primeiros habitantes desta terra do São Bom Jesus da Cana Verde eram mineiros, descendentes dos antigos paulistas, que tinham ido procurar os ricos minérios nas Gerais e estavam regressando para as terras paulistas, uma vez que as minas tinham se esgotado.

Estes mineiros tinham como característica cultural um grande apego pelas lides musicais, o que já se tornara tradição, uma vez que “o imigrante português tinha inculcado em sua mente o gosto pela boa música, disseminada por uma dinastia de reis músicos, quase todos compositores, apreciadores da ópera e da música de câmara e criadores de uma grande biblioteca musical” (Lang, 1977, pág. 126).

Tomemos como exemplo, D. Pedro I, que no mesmo dia 7 de setembro de 1822, em que Portugal perdia sua colônia, escreveu a vibrante música do Hino da Independência.

Os bons músicos em Minas Gerais - e foram muitos - puderam fazer dessa atividade uma profissão, pois criaram-se corporações, que em alguns casos mantiveram-se sob o manto protetor do Estado ou das irmandades religiosas. Como dominavam sua arte com perfeição, gozavam de grande prestígio, sendo que alguns deles moravam em boas casas e até mesmo possuíam escravos. Com a decadência do ouro, vemos as populações migrarem em busca de melhores condições de vida e foi então que tivemos o povoamento de nossa região, fronteira ao estado mineiro.

Muitos destes adventícios eram músicos e para cá trouxeram sua arte, mas como alguns - aliás, a maioria - não tinham suficientes reservas econômicas, tiveram que se dedicar a outras profissões que lhes suprissem as necessidades.

Outro fator que serviu para incrementar a música em nossa cidade foi a chegada de imigrantes, principalmente italianos, que aqui vieram para trabalhar na lavoura do café. É muito conhecido o gosto desse povo pelas atividades musicais, que já se tornara tradição dentro da Península Itálica.

Alguns imigrantes que aqui vieram já sabiam tocar algum instrumento. Outros, porém, procuraram aqui desenvolver seu aprendizado, pois encontraram pessoas dispostas ao ensino, havendo mesmo casos daqueles que se deslocavam todas as noites para a cidade - depois de um exaustivo dia de trabalho na lavoura - para aprenderem música, como veremos adiante.

*Professora de História da Rede Estadual de Ensino, aposentada

2 - Primeiras bandas, segundo Jean de Frans

Foi Jean de Frans, pseudônimo de José Augusto Fernandes, aqui nascido em 1885, quem nos deu notícias da existência das primeiras bandas musicais em nossa cidade, aproximadamente desde 1860. Batataense, depois radicado em São Paulo, onde, exercendo cargo público, consultava o arquivo do jornal *Correio Paulistano* da capital paulista, encontrando aí notícias enviadas pelo correspondente do jornal em Batatais. Assim pôde ele escrever muito do que sabemos sobre nossa terra em outros tempos.

Desta forma, em extenso artigo, publicado em *O Jornal de Batatais* em 26/10/1944, conta-nos da existência das bandas de música, descreve seus ocupantes minuciosamente e relata as transformações sofridas.

A primeira Banda da qual se tem notícia seria a do Mestre Leonardo, “remontando a mil oitocentos e sessenta e poucos”.

Deixemos que o próprio autor do texto nos conte o que sabe:

“Mestre Leonardo era preto de qualidade e, como tal, muito estimado e relacionado na cidade inteira. Antigo mestre de música, andava sempre de senho carregado. Ríspido de vez em quando, autoritário não raras vezes. Como mestre, sua energia era férrea. O major Joaquim Antão contou-me que, quando ele ou o Antero (Antero Augusto Nogueira Braga) não iam direito na cantoria, fosse nos ensaios, fosse na igreja, mestre Leonardo ia-lhes sem muita cerimônia às orelhas: - si as puxava para baixo, era sinal de que cantavam muito alto, o contrário si o puxão fosse para cima. E com que gana ele puxava!”

“Tinha-se o bom velho na conta de consumado executor de vários instrumentos, inclusive rabeca. Ela a considerava legítimo Stradivarius e se considerava legítimo Paganini. Costumava ele contar que, certa ocasião, compusera uma valsa de extraordinário sentimento, com muitos “trêmos”, *O Sabiá*, que ele mais a filha Laurentina, que também “rabecava”, à sombra das jabuticabeiras da chácara começaram a executar. Às tantas notou que o arco lhe pesava. Pondo reparo, viu que um lindo sabiá, atraído pela melodia, viera pousar no arco. Si não me enganar, o passarinho começou a cantar acompanhando os músicos”.

“Voltemos pois, à banda do mestre Leonardo. Integravam-na, além do Joaquim Antão que tocava piston e, no coro, era contralto, o Antero Braga, meninote ainda e triple no coro, o José Mariano, que também “fazia” o tenor, o Leonardinho (Leonardo Mauricio de Carvalho Junior), primogênito do mestre e hábil sapateiro e clarinetista, o José Mauricio de Carvalho (Zé Leonardo), o João Lira de Carvalho e o Zé Agostinho, que tocava bombo e depois iria para o Rufino Morato”.

“Entre os “louros” colhidos por essa Banda, estava incluída a honra de haver tocado em presença de Suas Majestades Imperiais, quando da inauguração, oficial e solene, da estrada de ferro, em 1886.

A Banda do Garcia, essa deixou fama. Foi organizada aos setenta e pouco.

Muito procurada. Atendia a constantes chamados, vindos de Espírito Santo (Nuporanga) do Chapéu (Morro Agudo), de Sant'Ana (Olhos d'Água), do Cuscuzeiro (Sto. Antônio da Alegria), de Mato Grosso (Altinópolis), de Cajurú, de Jacuí de Passos e de São Sebastião do Paraíso. Porque o regente que lhe dera o nome por que ficou sendo conhecida, - José Garcia Ferreira Junior, - era realmente, músico de valor, quer como executante, quer como professor, regente ou compositor. Não compositor de valsas corriqueiras ou dobrados vulgares, mas de peças de fôlego. De estatura mediana, pouco cheio de corpo, pequeno bigode, olhos vivos e cabeleira basta, era figura cativante, que os batataenses muito prezavam. Era mineiro, da tradicional Campanha. Organista, pianista, senhor de todos os instrumentos de uma Banda, tinha porem especial predileção pela requinta.” (sic)

E Jean de Frans enumera os músicos dessa Banda, de forma detalhada, contando sobre sua procedência, profissão, onde moravam, sua filiação, o nome da esposa e que tais. Um prato cheio para quem tivesse conhecido aquelas pessoas...

Inclui uma fotografia da Banda do Garcia que informa ter sido tirada em 1875 por Emilio Travers e segundo ele:

“Era uma rapaziada guapa, correta, sempre alegre, que dava gosto. Garcia sentia grande orgulho de seus comandados.

No livro *Gente de minha terra* contei do desastroso encontro dessa banda na rua do Comércio, em frente à casa do capitão João Batista Freire, que é hoje o colégio das irmãs salesianas, com a banda rival, a do mestre Leonardo em 1877, em uma excursão a Espírito Santo.” (sic)

Essas rivalidades entre bandas eram comuns. Vamos encontrá-las algumas vezes não só em Batatais, mas também em outras cidades, conforme relatos em livros sobre o assunto.

“A Banda do Garcia durou muitos anos. Um dia porém entendeu ele de mudar de terra. Foi-se embora e não mais voltou. Alguns dos componentes da Banda desertaram, e os que ficaram, com outros elementos que, com o tempo foram aparecendo, continuaram tocando, sob as vistas do capitão Antonio Benedicto, que era então diretor da Banda. Em 1890 estava ela instalada no Castelo, no Largo das Dores (João de Andrade), na casa em que morava o dr. Dinamérico Rangel.” (sic)

Enumera a seguir os nomes dos componentes dessa corporação, como fizera antes, e continua:

“Era de notar certa rivalidade entre essa banda que havia adotado o título de *Euterpe Batataense* e a do Rufino Morato, com sede na casa desse velho mestre de música e à qual pertenciam os dois filhos dele, - Rufino Morato Jr. (Rufininho), rapaz estimadíssimo, contador e partidor do foro e Ozório de Paiva Morato, depois agente do correio e escrivão da coletoria estadual. Francisco Moreira, Abrahão da Costa Vale, o excelente pistonista Pelicano, o Sabino bumbeiro, o Astolfo, o Mizaél, um outro rapaz que sabia muito bem tocar bombardino e que, como o Abrahão, viera de Franca, da banda do Joaquim Tristão, conhecido professor de música, e o

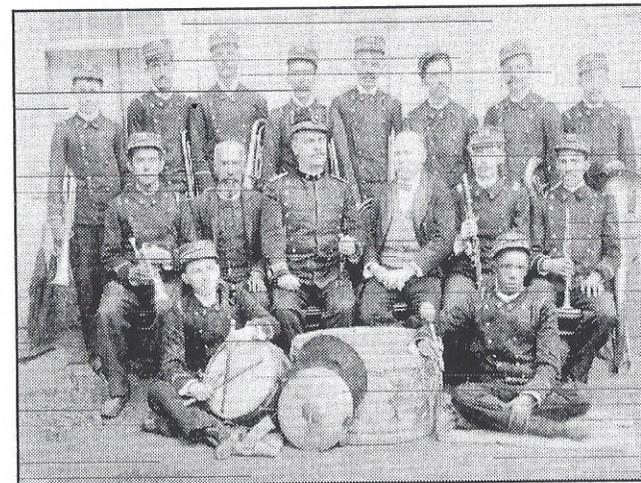
preto Tomaz, que em 1892 deixou a corporação para ser empregado da Companhia Mogiana.

Os rapazes da *Euterpe* resolveram executar todo o repertório da banda adversária, inclusive a marcha *Coruja*, que só o velho Rufino possuía mas que o Dedeca e o Alfredo Arantes apanharam de ouvido. A animosidade avolumou-se, tanto que, certa noite, os músicos da primeira, que haviam parado na esquina da farmácia do Caetano Machado, caminho do teatro, trocaram expressões menos amáveis com os da outra, postados na esquina da rua Cel. Pereira, junto à casa do João Alves (agora ali está o dr. Zezé Arantes), os quais chegaram a mandar, rua abaixo, em direção aos contrários, uns busca-pés provocadores. Felizmente, porém, espíritos ponderados conseguiram evitar que o incidente tomasse outras proporções, e o caso não passou de xingamento.

A Banda do Rufino era também antiga. Fora fundada em mil oitocentos e setenta e tantos e tinha excelente organização. Rufino era homem abonado dono que fora dos vastos campos do Potreiro, adquiridos pela Câmara Municipal em princípios de 1875, chefe político no antigo regime, juiz de paz e autoridade policial várias vezes. Possuía um piston de elevado custo, finamente trabalhado, objeto precioso.

A Banda Euterpe foi mudada em 1893 para uma sala anexa à casa do Tônico Gusmão, na rua do Comércio, já então entregue a regência ao Ovídio Tristão de Lima, outro músico de extraordinário mérito (regente, executante, cantor e compositor), que ainda estava longe, naquele tempo, de se coronelar num dos batalhões sem soldados da saudosa Guarda Nacional. Nessa ocasião a banda promoveu alguns leilões, no Teatro Municipal, em seu benefício, e que alcançaram esplêndido resultado, tendo servido o Trovoada como leiloeiro. As circulares e os programas eram assinados “pela *Banda Euterpe Batataense*, por Antônio Trovoada, diretor, Alfredo Arantes Marques, secretário e Ovídio Tristão de Lima, regente”. E ela pôde, assim, uniformizar-se. O uniforme, um belo uniforme, foi inaugurado por ocasião de uma festa do Bom Jesus, em 1894. Mais tarde a *Euterpe* fez fusão com a Banda do Rufino, pondo termo à velha rivalidade. O primeiro a ir tocar na *Euterpe* foi o Ozório. Nessa ocasião, recordo-me perfeitamente, a banda “gravou” duas ou três peças para um fonógrafo (o primeiro que apareceu em Batatais), que funcionava em casa do Álvaro da Cunha, no largo da Matriz e o Ovídio aproveitou de um “cilindro” (ainda não havia discos) do aparelho, uma bonita marcha, que metia assobios e cantorias. Depois, com a volta de Ovídio para Franca, assumiu a direção da Euterpe o Chico Moreira, músico de grande merecimento, mineiro da gema, que a 28 de fevereiro de 1891 se tornara gente do Rufino. E a banda passou para a sala da casa do Rufino, conservando porém o nome que se torna tradicional.

Dela faziam parte, além do maestro regente, o Alfredo Arantes, o Ozório Morato, o Rufininho, o Idilidio, o Antero Braga, o Abrahão, o Tatau, o Dedeca, o Gabriel de Assis, Astolfo Faria, Belmiro e outros. Era nessa época, peça de resistência da banda e por toda gente apreciada e aplaudida, a marcha *Campos Salles*, que por sinal, os músicos da Euterpe sabiam executar de forma a provocar entusiasmo.”



A Banda Euterpe Batataense em 1899, segundo Jean de Frans
(A partir da esquerda)

Sentados: Antero Augusto Nogueira Braga, Rufino José Morato (diretor), Francisco Moreira (regente), Francisco José da Costa Machado (mestre-capela), Alfredo Arantes Marques, Ozório de Paiva Morato.

Em pé: Astolfo José de Faria, Rufino Morato Junior (Rufininho), Idilidio Armindo de Assis, Belmiro de Paula Arantes, Antonio da Silva (Tatau), Francisco Gomes Machado, José Teodoro da Silva (Dedeca), Gabriel de Assis.

À frente: Juvenal Machado e Joaquim Custódio Ribeiro.

(Foto de Armando Marchi - São Paulo. Acervo do Museu Dr. Washington Luís.)

“Em 1897 foi organizada a Banda Italiana regida por Silvano Stringhini, tendo sede em casa do Felipe Casela, à avenida dos Andradas. Recordo-me que dela faziam parte, além do maestro Silvano, que era parente do Adolfo Vietti, o Antenor Barbatto e o Antonio Fioreto. Essa banda fez seu debut por ocasião de um pleito eleitoral disputadíssimo.

.....
A banda, numerosa e garrida desceu da avenida em passos cadenciados, atravessou a praça em diagonal e foi estacionar à sombra da velha mangueira, homenageando o camarista eleito com a execução de varias peças, inclusive como fecho, o hino de Francisco Manuel. A banda do mestre Leonardo continuou modestamente,

mas firme. Com a morte de seu fundador, passou a dirigi-la o João Lira de Carvalho. Tinha então sede na Rua Coronel Pereira, numa casinha fora do alinhamento, perto da Rua Direita. Em 1898, o professor Francisco José da Costa Machado tomou-lhe a direção, dando-lhe o nome de *Banda Memória de Mestre Leonardo*. Com a organização dada por “seu” Machado, a banda melhorou um bocado. Tomou parte nas homenagens póstumas ao rei Humberto Primo, promovidas pela colônia italiana; na grandiosa manifestação popular ao dr. Washington Luís; nos funerais de Pedro Mascagni; na inauguração do mercado municipal e em outras solenidades.

Em 1903, uma dissidência surgida na banda *Euterpe Batataense*, encabeçada pelo Oswaldo Silva (Sinhô) e insuflada pelo Bino, deu lugar a fundação da Banda Santa Cecília, que se instalou na Rua Municipal (Marechal Deodoro) dela participando além do “cabeça” que anos depois buscaria novos ares em Barretos, o Rafael Faraco, o Quincas da Martins (Joaquim Martins da Silva), o Astolfo Faria, o José Augusto de Loiola, o Fernando Aleixo, o Antonio Ignácio de Oliveira (Antônio Mineiro), o Lincoln Braga, Ernesto de Souza (Carretão), Joaquim Custodio Ribeiro e Jerônimo Ozório, romancista e poeta, autor de vários livros em prosa e verso. A *Euterpe*, por ocasião da dissidência, era regida pelo Ozório Morato.

A gente batataense nunca dispensou a boa música. Manifesta sua predileção. Com boas bandas sempre contou. E excelentes músicos também - regentes, executantes, compositores. Não vai muito tempo, em São Paulo, no bairro da Lapa, por ocasião de certa festividade, a banda que a abrilhantava atacou formosa peça.

-Essa música é de um maestro de sua terra, - informou-me um dos dirigentes da festa.

Procurei conhecer o nome do compositor. Era o Alberto Perroni.” (sic)

3 - Depoimento do Sr. José Morato Dal Secco

Felizmente, ainda gozamos do convívio do senhor José Morato Dal Secco, aqui nascido no ano de 1905. Foi ele quem nos contou:

“Tenho 94 anos. Não me recorde quanto tempo toquei na Banda, mas comecei nela com 14 ou 15 anos. Pertencia ao meu avô materno, que fez um empréstimo e comprou os instrumentos.

Meu avô era Rufino José Morato, nascido em Aiuruoca, sul de Minas Gerais. Quando veio para cá, comprou uma fazenda em Jardinópolis, depois uma fazenda em Batatais de mais de 200 alqueires, que ele mais tarde vendeu para a Prefeitura.

Eu nasci numa casa grande e velha comprada por esse meu avô, e que ficava na Rua Cel. Joaquim Alves, onde está hoje a Farmácia Ouro Verde. Ali ficava a sede da Banda, que veio a mudar-se mais tarde para o outro lado da rua, na casa dos Farinelli. Esta casa e parte da que pertencia ao avô Rufino foi demolida para o alargamento da

Rua dos Expedicionários, que era bem estreita.

A Banda ganhou um uniforme, que foi um tio meu quem deu. Ele era casado com uma filha do meu avô. Chamava-se Francisco Moreira, aqui conhecido como Capitão Moreira e sua esposa era chamada Dona Mulata. Ele era mineiro de Ventania, atualmente Alpinópolis e veio para Batatais. Os mineiros que vinham para cá eram geralmente músicos. O Chico Moreira era um piston fantástico.

Ganhou duzentos contos na Loteria e comprou uniforme para a Banda, onde ele tocava. Meu avô quis o casamento de uma filha com o Chico Moreira, porque ele era músico. Era muito ativo, inteligente toda vida. Foi pai do depois professor Francisco Moreira Filho, que foi marido da dona Carminha Moreira, primeira bibliotecária do Ginásio do Estado, hoje Escola Estadual Sílvio de Almeida. Chico Moreira morava na Praça Cônego Joaquim Alves, esquina com a rua Major Antônio Cândido.

Os músicos eram pedreiros, sapateiros e alfaiates como meu pai Ernesto Dal Secco e meus tios Vitorio, Adolfo e Filipe. Meu tio Carlos era sapateiro. Fabricava sapatos finos. Eu também me tornei alfaiate.

Rufino José Morato, era o maestro Rufino, porque ele ensinava música, mas não era maestro. Eu só conheci o maestro Protásio e o maestro Alberto Perroni, que também era alfaiate, casado com Elisa, filha de um dos Dal Secco. Eu tocava harmonia, que era sax e trombone. Quem tocava clarineta era o Orozimbo. Tocava saxofone o Randolpho, que era um músico fantástico e foi porteiro do Grupo Escolar. Foi meu avô que encaixou ele lá, pois ele tinha um prestígio danado.

A Banda tocava nos enterros, nas quermesses e nas festas de Igreja, principalmente na igreja de Santo Antônio. Nas festas cívicas tocavam no coreto da Praça da Matriz. Quando chegava um circo em Batatais, a banda ia tocar na porta e às vezes dentro. Saíamos muito pra fora. Eu mesmo fui tocar em Nuporanga, numa quermesse.

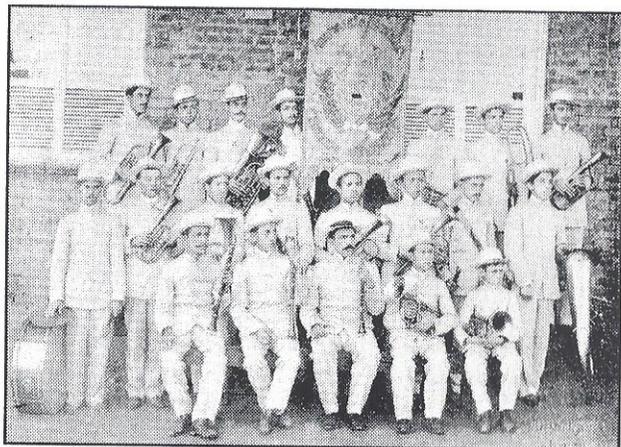
O maestro Protásio Thomaz de Carvalho era um músico fantástico. Conhecia muito bem as partituras de todos os instrumentos. Aliás, todos os músicos daquela época eram excelentes. Somente um ou outro tocava de ouvido. A maioria lia partituras.

O maestro Rufino tinha um filho, o Rufininho, que também tocava na Banda e foi pai do José Braga Morato, que sabia tudo sobre essas histórias de Batatais antigo. É pena que ele já faleceu.

Osório de Paiva Morato, outro filho do maestro Rufino, foi regente da Banda, logo que seu pai morreu, em janeiro de 1918. Excelente músico e professor. Preparava cuidadosamente seus alunos e só depois de bem preparados na teoria é que lhes dava aulas práticas. Tocava requinta e clarinete.”

Nos arquivos da Câmara Municipal de Batatais encontram-se alguns documentos que se referem às bandas de música, e entre outros um, datado de 23 de janeiro de 1909, assinado por Rufino José Moratto, como “proprietário e diretor da corporação Musical Euterpe Batataense”, propondo ao tenente-coronel prefeito municipal Vigilato Franco, que a “referida corporação execute nos domingos e feriados - que ele especifica quais eram -, no Coreto do Jardim, peças musicais em dois atos: no 1º: dobrados, valsas, mazurkas, polkas e schotis. No 2º ato: uma peça de harmonia e o mais como no primeiro ato.”

Euterpe Batataense em 1906



(De cima para baixo - a partir da esquerda)

1 - Artur Chefe (chefe da estação), Alberto Perroni, Adolfo Dal Secco, Clarimundo José Gomes (Dico), Filipe Dal Secco (Pipo), Vicente Marinari, Lincoln Braga.

2 - Carlos Dal Secco, Evaristo Roncaratti, Jerônimo Morato, Santinho Maçoni, Jerônimo Osório, Francisco Perroni, Ernesto Dal Secco (Tan-tan), José (Juca) Morato.

3 - Orozimbo Alves Pereira, Augusto Lopes, Osório de Paiva Morato (regente), José Cândido da Silva (Janguinha), Vitório Dal Secco.

(Foto de Alfredo Arantes - Batatais - Acervo Museu Dr. Washington Luís)

4 - A Banda Santa Cecília

Sobre a Banda Santa Cecília, temos depoimentos preciosos de várias pessoas, como o Sr. Rafael Faraco, Amélio Baldochi, Hércules Olivieri e do Dr. José Marcilio Baldochi, que militaram nessa Banda. Ei-los:

O Sr. Rafael Faraco contou-nos:

“Antônio Faraco era o nome de meu pai. Morávamos na Rua Marechal Deodoro, onde meu pai era barbeiro e onde teve depois uma sorveteria. Nossa casa fazia fundo com a casa do Sr. Astolpho José de Faria, dono da banda e que ensaiava num cômodo da residência dele na Rua Treze de Maio. Papai tocava piston e eu saxofone e às vezes clarinete.”

O Sr. Amélio Baldochi, que também tocou por aproximadamente dez anos nesta

corporação, deu-nos seu depoimento:

“Nasci em Batatais em 1914 e sempre morei nesta Praça de Santa Cruz, onde ainda moro. Quando criança, foi meu companheiro de brincadeiras, Hércules Olivieri - o Herquinho, como até hoje é chamado. Morava numa casa da Rua Duque de Caxias, esquina com Padre Claret. É um fenômeno da música. Nunca teve professor, aprendeu sozinho. Cortava bambus, num bambual que havia atrás do Colégio São José. Fazia buracos de acordo, e improvisando flautas, procurava ensinar a garotada a tocar. Entre eles, eu e meus irmãos. Ele dizia: ‘Você ouviu? Então faz.’ Os meninos tentavam fazer, mas não saía nada... Que frustração, para os alunos e para o mestre!...

Quem ensinava os músicos eram os maestros. O maestro que nos ensinou era conhecido por ‘Sinhô’ de Soûza. Preparou 18 músicos principiantes em seis meses.

O dono da Banda Santa Cecília, o Sr. Astolpho José de Faria, era oficial de justiça. Tocava, mas não muito bem, como quase todos os músicos. Havia porém bons músicos, como o Sr. Antônio Faraco, Gerônimo e Ovídio Faria, que substituíam o maestro nos seus impedimentos.

Houve também o maestro Alcebiades de Souza, que veio de Jardinópolis. Muito humilde, era um grande músico. Tocava bombardino. Depois é que veio o maestro Alfeu Ribeiro e seu irmão Astolpho Ribeiro. Os maestros é que ensinavam os músicos. Todos eles tocavam um instrumento ou mais, e na falta do músico eles substituíam.

Grande músico era o Antônio Jaime dos Reis (o Tônico do Pedro Antônio), irmão do jogador de futebol Lulu do Pedro Antônio. Tocava todos os instrumentos de corda e piston.

Nessa banda tocava uma figura muito importante na época. Era meu tio, casado com uma irmã de minha mãe. Seu nome era Adelino Aderbal de Carvalho. Barbeiro de profissão, formado em contabilidade, editava um jornal e uma revista chamados *O Castelo*. Tinha conhecimentos jurídicos e amizades no Fórum de São Paulo, trabalhando em Batatais como solicitador ou ‘râbula’, como se chamava na época, aquele que não tinha Curso Jurídico, mas exercia as funções de advogado, com ordem do juiz. Sua casa vivia cheia. Eram pessoas que o procuravam para resolver seus casos jurídicos e a quem ele atendia com muita boa vontade, sem nada cobrar. Morreu paupérrimo.

Tocando na Banda Santa Cecília, meu tio lutou muito para que se erguesse um coreto no local onde foi construído em 1935 o Grupo do Castelo e a fábrica de chapéus. Era naquela época um grande campo de futebol onde se realizavam ‘peladas’. O coreto foi construído e ali realizavam-se apresentações da Banda. Mais tarde foi demolido e construído outro na Praça João de Andrade, hoje Praça Dr. Jorge Nazar.

Os regentes da banda variavam. A Prefeitura pagava-lhes uma subvenção e às vezes ‘descombinava’, e a regência mudava. Quem se interessava por aprender música, ia para a banda e lá começava a aprender com o maestro. Tinha um compêndio, chamado ‘Artinha’, que começava ensinando as notas musicais. Depois de aprender a teoria é que se recebia o instrumento. Eu tocava piston, meu irmão Mário, trombone.”

Procurado o Sr. Hércules Olivieri - o “seu Herquinho” - como carinhosamente é chamado, disse-nos que tocava na Banda Santa Cecília saxofone e às vezes clarinete. Lembrou-se de que as bandas tocavam nos enterros. O seu pai, que era também Hércules Olivieri, tocava trompeta na Euterpe Batataense, e veio a falecer numa tarde - de

um Dia de Natal - quando estava tocando na fila de trás da Euterpe, no enterro de uma filhinha do Orozimbo, que também era músico.

Nas comemorações do aniversário da cidade, a banda começava a tocar às 4,00 h. da manhã. Era a Alvorada. Seguiu pelas ruas, quando o povo saía às janelas e alguns a acompanhavam. Nas festas religiosas, a "Alvorada" iniciava-se na frente da casa dos "festeiros". A banda começava a tocar na calçada, quando era recebida pela família, que convidava os músicos a entrar e lhes oferecia café e bolo. Tocavam mais um pouco e se retiravam acompanhados de fiéis, rumo à igreja.

A senhora Flora Roncaratti, filha do músico Senhor Evaristo Roncaratti, gentilmente emprestou-nos esta foto da Banda Santa Cecília, referente a uma comemoração de Sete de Setembro do ano de 1923, bem como o exemplar do *O Jornal* de 1944, onde se encontra o artigo assinado por Jean de Frans, que inserimos no início deste trabalho.



Banda Santa Cecília - 1923

(A partir da esquerda, de cima para baixo)

1ª fila: Evaristo Roncaratti, Nenê Faria, Adelino Aderbal de Carvalho.

2ª fila: João Baptista Ferraz de Menezes (Capitão Tito), (Não identif.), (Não identif.), Nenzinho, Maestro Martinho, Paulo Raimundo, Felipe Caran, Tobias Tolentino de Toledo.

3ª fila: Florzino, Antonio Faraco, Antonio Lapria, Ovidio Faria, José Arantes Junqueira, Astolfo José de Faria, José Requeijão (apelido), Mário Baldochi.

Meninos (sentados): Otávio Faria, Elpídio Faria.

Outro depoimento importante sobre essa Banda é o do nosso ex-prefeito Dr. José Marcílio Baldochi.

"Nasci em Batatais no ano de 1927. Meu pai, Mário Baldochi, nascido em 1904, brasileiro, filho de italianos, tocava na Banda Santa Cecília e fazia questão que eu o acompanhasse nos ensaios. Isso quando eu tinha 12 anos mais ou menos. Mais tarde comecei a tocar repique, 'caixa', como era chamado esse instrumento na época.

Os ensaios eram realizados às quartas feiras - sem faltar uma - e às

quintas feiras havia a apresentação no coreto da Praça João de Andrade. Um fato interessante é que naquele tempo, os homens e rapazes costumavam usar chapéu. Embora sendo uma exigência da época, eu não gostava. O resultado era que eu ia com o chapéu na cabeça, mas este ficava esquecido no porta-chapéus... Acabava voltando para casa invariavelmente pelas mãos de meu pai...

Estudava música com o maestro Alfeu Ribeiro, que ensinava música para todos. A mim, ao Elcinho, ao Oswaldo Contadini, que participou da Banda por muito tempo, juntamente com o Elcio. Este tocava trombone de harmonia, que é o que faz uma espécie de acompanhamento, o que dá o ritmo, o que marca o compasso. É muito importante, porque uma harmonia mal tocada pode derrubar uma banda.

A Banda Santa Cecília, na regência do maestro Alfeu Ribeiro, era muito atualizada. Nós tocávamos tanto músicas populares como clássicas. Depois de ter feito curso teórico com esse maestro, estudei clarinete, tendo inclusive feito um curso desse instrumento. Quando a Banda ia apresentar uma fantasia da ópera Aída, existia um arpejo, um trecho pequeno, próprio para solo de clarinete existente na partitura. Eu fui convidado para fazê-lo, o que me valeu um mês de constantes estudos desse trecho musical. Assim mesmo fui tremendo para a retreta... Este foi meu início na Banda Santa Cecília, como clarinetista.

Quando havia a Festa de Santa Cruz, tocávamos todas as noites, pois não havia serviço de alto-falante, isto anexo à barraca de prendas. Quando algum fazendeiro arrematava uma prenda, a banda tocava em homenagem a ele.

Depois, no dia 03 de maio, tocávamos o dia inteiro pelas ruas do Castelo, a partir das quatro horas da manhã. Era a Alvorada. Todos os anos eram escolhidos três a quatro festeiros, ou seja, famílias responsáveis pela festa. Mais ou menos às oito horas, fãmos à casa desses festeiros buscar os andores, enfeitados pelos seus familiares, e então saíamos em procissão até a Igreja de Santa Cruz.

À tarde, a Banda devia comparecer ao leilão de gado, vacas, bois, porcos, galinhas, que os fazendeiros doavam como prenda. Por volta de 17,00 horas, realizava-se a procissão de Santa Cruz, e a Banda saía tocando.

Comparecíamos também às festas tradicionais das fazendas Sant' Ana e da Ilha, realizadas todos os anos, com leilão e procissão. Nas retretas, somente o maestro recebia seus proventos da Prefeitura. Os músicos nada ganhavam, mas faziam sua parte com muita satisfação. Quando, porém, estávamos a serviço de alguma festa ou dos circos, havia um pequeno ganho, que era rateado pelo maestro. O critério de distribuição era pela importância dos músicos dentro da corporação. Quem ganhava mais era o Sr. Antônio Faraco, que era o 1º clarinetista e tinha uma execução brilhante. Depois vinha o Ovídio Faria, que tocava pistão. Na partilha, nós ficávamos lá embaixo...

Quando o Sr. Antônio Faraco foi envelhecendo e eu já estava com meus dezenove anos, às vezes nós tínhamos que tocar andando na rua e o fôlego dele era natural que acabasse. Como ele era o 1º clarinetista e eu o 2º, eu tinha que sustentar as notas no meu instrumento.

Tocávamos também no Campo de Futebol. Saíamos da Praça João de Andrade, tocando, e íamos até o Campo, instalando-nos na arquibancada velha. Quando havia algum gol, tocávamos algum galope, maxixe ou outra música bem vibrante.

Tocar em circo também era um de nossos trabalhos. Como não havia carros de som, como hoje, a função da Banda era sair tocando pela cidade, para chamar a atenção dos espectadores. Este serviço eu não gostava de fazer porque era muito cansativo. Em um circo que aqui veio, o palhaço chamado Fuzarca era acrobata. Fazia todos aqueles malabarismos, depois, suadíssimo, ia postar-se perto da Banda. Não havia nariz que agüentasse... Foi o ponto final da minha carreira de tocador em circo...



Banda Santa Cecília – 14 de março de 1939
(A partir da esquerda - de cima para baixo)

1 - Otavio Faria, (Não identif.), José Godoy, Otávio Carvalho, Pedro de Souza, Luís Venturoso, Geraldo Medeiros, Áureo Aires de Souza, Joaquim Aires de Souza.

2 - Elpídio Faria, Deocleciano de Souza, Antonio Faraco, Maestro Alfeu Ribeiro, Ovídio Faria, Adriano Pelá, Mário Baldochi, Alcebiades de Souza.

3 - Élcio Vicentini, Ovidio Faria Filho, Antônio Aires, (Não identif.).
(Foto do acervo Museu Dr. Washington Luís - Batatais)

O 1º maestro com o qual eu toquei foi Alfeu Ribeiro, que foi um grande maestro. Nasceu em Pedregulho e começou sua carreira artística muito cedo, graças ao seu talento inato. Foi compositor, maestro e professor de música.

Ele fazia, de maneira anônima, muita orquestração para ser tocada em São Paulo. Tinha uma sensibilidade muito grande. Veja o caso da ópera Aída de Verdi. Ele simplificou de uma maneira tal, que não descaracterizou a melodia e tornou acessível a leitura mais ou menos pobre dos músicos de uma banda. Com essa aptidão dele é que a Banda Santa Cecília se sobressaía. Conseguíamos tocar músicas importantes, atraindo pessoal do Centro da cidade, que subia para o Castelo para ouvir-nos tocar.

Havia uma certa rivalidade entre as duas Bandas: a Santa Cecília e a Euterpe, mas uma rivalidade sadia. As bandas eram obrigadas a mandar para a Prefeitura a sua programação semanal. Então, os elementos de uma iam ouvir a outra banda tocar e ficavam comentando os eventuais erros. Mandavam recadinhos para os músicos da outra: 'Hoje, vamos tocar tais músicas. Se quiserem ouvir uma música boa, venham ouvir-nos. Nós temos capacidade para tocar Aída e vocês não tocam nem um samba'... Não era nada grave, somente picuinhas...

No ano de 1939, quando se comemorou a criação do município de Batatais, veio para cá o batataense e ex-regente da Banda de Força Pública em São Paulo, o Major Antão, que conseguiu apaziguar as duas bandas, fundi-las numa só, quando fez maravilhosas apresentações, agora já de uma grande banda, que culminou com a apresentação no Clube 14 de Março.

O maestro Alfeu Ribeiro era inteligente e sabia dosar o programa apresentado. Começava-se e terminava-se com um dobrado. No intervalo entre estas duas músicas tocava-se algum samba, algum maxixe, alguma valsa ou valsinha. Depois vinha uma parte mais pesada, que nós chamávamos 'as peças'. A Aída ou outras músicas clássicas. Era uma banda muito versátil, isso eu posso garantir.

Após terminar o curso colegial no Colégio São José, fui para São Paulo, onde concluí meus estudos. Voltando mais tarde, lutei para reerguer a Banda que estava desativada. Não só a Banda Santa Cecília, como a própria Euterpe Batataense. Entrei em contato com a Sociedade Pró-Arte de Batatais e seus maestros Osmar Rubens Jeycic e Alfeu Ribeiro, o músico André Ricci Pippa, que era meu sócio em Empresa de Engenharia, o músico Hércules Olivieri, que até hoje toca na corporação, e o Sr. Rinaldo Pesenti. Tornando-me prefeito desta cidade em 1969, comprei novos instrumentos para a Banda. Eu mesmo tornei-me clarinetista, revivendo meu antigo encantamento...

Foram arrematados antigos músicos locais e alguns de Brodowski, que a Prefeitura se encarregava de transportar para nossa cidade. O nosso maestro era Aquilino Ribeiro, irmão do maestro Alfeu Ribeiro, que havia falecido em 10 de abril de 1968. Como prefeito, tive a satisfação de dar seu nome a uma rua de Batatais, numa merecidíssima e agradecida homenagem, pela sua maravilhosa obra, não só como regente, mas como compositor, hábil instrumentista e professor devotado”.

Abaixo foto de 1969 da Banda restaurada.



(De cima para baixo - a partir da esquerda)

1 - Menino José Marcos Tofetti, Raul Tofetti, João Gentil, Josino Arantes, (Não identif.), (Não identif.), Eleodoro Macedo, Álvaro Toloí, Augusto Rodrigues da Cruz (Mesquita).

2 - Anunciato Argenton, Rinaldo Pesenti, Nelson Covas, Osório Toloí, Américo Toloí, Eudoxio Toloí, Otávio Carvalho, Alberto Toloí.

3 - Paulo Braga, André Ricci Pippa, Mário Baldochi, Aquilino Ribeiro (maestro), Pedro Vitor de Souza, José Marcílio Baldochi, (Não identif.), Alcides Marques.

5 - A Euterpe Batataense segundo o Sr. José Malachias Marques Filho

“Eu nasci em Batatais em setembro de 1926. Tenho 73 anos. Os meus avós maternos eram italianos. Minha avó paterna era mineira e meu avô era português. Meu pai, eu e meus irmãos somos batataenses.

Ingressei na Euterpe Batataense como ‘arquivista’, ou seja, aquele que carrega as partituras. Seria o ano de 1936 ou 1937. Um ano depois tornei-me músico tocando ‘sax de harmonia’, o 3°. Meu irmão Geraldo tocava o 2°, o Janguinha (José Cândido da Silva), o 1°. Meu pai, José Malachias Marques, tocava ‘baixo’. Todos aprendemos com o Alberto Perroni, que era professor de música e que praticamente nasceu dentro da Banda, dela só se retirando bem idoso.

A Banda era quase toda constituída de maestros. Nós tínhamos o Antonio Jacinto Gonçalves, que era excelente maestro e professor de música.

Quando eu era arquivista, o maestro era o Protásio Thomaz de Carvalho, um excelente músico. Fez adaptação de trechos de várias óperas para Banda como: Aída, o Barbeiro de Sevilha, o Trovador, Rigoletto, Carmen.

Contava-se uma passagem, segundo a qual o maestro Protásio, viajando um dia para São Paulo, foi num desses cafés com música que havia na época,

e acercou-se do instrumentista que tocava o seu instrumento: o clarinete. Sobre a cadeira do músico havia três boquilhas, que o instrumentista explicou servirem para serem trocadas na hora em que transpusesse o som para a clave de Fá, ou ainda para a clave de Dó. Protásio ficou quieto. O solícito músico ofereceu:

- O senhor toca? Se o senhor quiser tocar um pouco, esteja à vontade...

Protásio, sossegadão que era e além disso muito humilde, respondeu:

- Eu arranho um pouco...Mas fique por perto... E se eu me perder? E essas ‘coiseras’ aqui?

- Não tem nada não.*Na hora de tocar eu mostro para o senhor.

Protásio começou a tocar, e na hora de fazer as transposições, fazia com a mão, não precisando utilizar as boquilhas, para espanto e desaponto do seu companheiro...

O nosso maestro fazia arranjos de músicas que depois vendia para São Paulo, para serem assinados por outros músicos. O mesmo acontecia com o maestro Alfeu Ribeiro. Coisas do meio artístico, onde ganhar a vida sempre foi muito difícil...



Euterpe Batataense - 14 de março de 1939

(De cima para baixo, a partir da esquerda)

1 - José Malachias Marques, Nelson Toloí, Henrique Sibin, Altino Lopes de Oliveira, Geraldo Malachias Marques, Onofre Godoy, José Malachias Marques Filho, José Cândido da Silva (Janguinha), Melchiades, Francisco Perroni, José Morato (Juca do Rufino).

2 - Orlando Morato, Manuel (Neca) Covas, José Osório Morato (Tenente Osório), Carlos Dal Secco, Aristeu Ribeiro (maestro), Américo Toloí, Antônio Jacinto Gonçalves, Alberto Perroni, Bernardo.

Havia rivalidade entre as bandas, penso que mais por ignorância. O mesmo se dava entre o Grupo Escolar do Castelo e o Washington Luís, sendo que os dois tinham grupo de escoteiros e havia também rivalidade. Tudo era questão de querer aparecer mais bonito do que o outro.

Por ocasião das comemorações do centenário da elevação de Batatais à vila, em 1939, as duas Bandas, Euterpe e Santa Cecília, foram unificadas pelo maestro Antão. Tocaram no Coreto central, defronte à Câmara Municipal e Prefeitura. Os ensaios foram feitos no prédio da Sociedade Italiana, na Rua Cel. Joaquim Alves.

As bandas ganharam da Prefeitura uniforme novo, e aqui vemos a foto da Euterpe Batataense nesse ano.

Quando o Presidente da República Getúlio Vargas veio visitar Ribeirão Preto, entre 1943 ou 1944, a Euterpe Batataense deu um concerto onde tocou arranjos de óperas na sacada do Cine D. Pedro II, gentilmente cedido pela sua direção, tal era a qualidade da nossa música. A ópera Traviata foi reprisada para retransmissão pela Rádio PRA 7, daquela cidade.

Depois do maestro Protásio, tivemos o maestro Antenógenes da Silva e o maestro Aristeu Ribeiro. Quando este mudou para Ribeirão, a Euterpe foi perdendo o vigor pouco a pouco. O Alberto Perroni, que estava regendo-a, estava com a saúde bem debilitada e aos poucos foi abandonando-a. Este veio a falecer em 1970, aos 82 anos. Foi uma vida dedicada à música...



Euterpe Batataense – 28/07/1956, na comemoração dos oitenta anos
(A partir da esquerda - de cima para baixo)

1 - Maestro Alfeu Ribeiro, Altino Lopes de Oliveira, Artur chefe, Pedro de Souza, Sargento Justino, Neusa Ayres, José Cândido da Silva (Janguinha), Nelson Covas, Eleni Ribeiro, Américo Toloí, Francisco Perroni, Eudóxio Toloí.

Em baixo: Hércules Olivieri, Alberto Perroni, José Malachias Marques Filho, Deocleciano de Souza, Carlos Dal Secco, Stefano.

Meninos: Antônio Carlos (Toninho) Ribeiro e Rogério Rizzo.

Tendo a Banda Santa Cecília saído de atividade, o maestro Alfeu Ribeiro, que a regia, passou para a Euterpe.

A 28 de julho de 1956, tivemos a comemoração dos 80 anos de fundação da Banda Euterpe Batataense, pois fora fundada em 1876. Nesse dia tiramos esta foto. A placa comemorativa, um antigo uniforme e o estandarte estão no Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luís.

Fizemos parte da Banda até 1968, quando ela foi extinta.”

6 - A Banda Guarany

Pertencia à Fazenda Macaúbas, quando era de propriedade do Sr. Domingos Corrêa de Moraes, que foi vice e depois presidente do Estado de São Paulo, no impedimento do Presidente Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves.

A banda foi organizada por ele no 1º decênio deste século. A fazenda era muito grande. Seus trabalhadores eram contratados no regime de colonato, sendo que grande número de imigrantes italianos faziam parte dos seus quadros.

Dentro desse regime, chegou a ter mil pessoas morando nela, contando-se de recém-nascidos a idosos que já não mais trabalhavam. A maior parte das suas terras era utilizada na plantação de café e o restante na criação de gado bovino e eqüino. Havia inclusive nessa fazenda uma estação da Estrada de Ferro Mogiana, destinada ao escoamento dos produtos.

A banda de música era formada exclusivamente por funcionários e em determinado período foi dirigida pelo maestro Antônio Jacinto Gonçalves, que deixou a Euterpe Batataense, onde tocava. Na “Guarany”, tocaram entre outros; Ozório Dias de Moraes, João Lira de Carvalho (trombone de harmonia) e Olavo de Carvalho (sax de harmonia).

Na Macaúbas, tocava nas cerimônias religiosas, durante os jogos de futebol de maior importância e principalmente nas festas juninas, depois da missa que era rezada e acompanhando a procissão que se realizava a seguir.

A festa durava três dias. Fazia-se também uma quermesse - na barraca existente ao lado da capela - sendo que os arrematadores das prendas eram saudados pela banda.

A banda Guarany tocava também em festejos realizados em outras fazendas da redondeza. Foi desativada após um incêndio que destruiu a antiga sede da Fazenda e carbonizou os instrumentos musicais.

7 - Dados biográficos dos Maestros Protásio Thomaz de Carvalho e Joaquim Antão Fernandes

No jornal *A Vanguarda*, editado na cidade de Cássia-MG, datado de 19 de janeiro de 1958, encontramos artigo assinado por “Toriba-Acã”, que trata dessa importante figura do meio artístico daquela cidade e depois também de Batatais. Desse artigo, extraímos alguns dados que consideramos importantes para conhecer um pouco mais da vida desse músico.

“O maestro Protásio Thomaz de Carvalho era humilde menino. Filho dos saudosos cassienses Sabino José Borges e dona Cândida S. Araújo.

Protásio nasceu nesta cidade, na radiosa manhã de 7 de março de 1878 e teve seu passamento em São Paulo dia 04 de abril de 1949.

Em Cássia teve convívio com o célebre Padre Marciano - incentivador da música entre nós, no fim do século passado e começo deste. Protásio escolheu, como instrumento predileto, clarinete em mi bemol. Sua primeira valsa foi escrita aos 14 anos. Desta cidade passou a residir em Jacuí(...) Dessa localidade passou a residir em Batatais, regendo a Banda Euterpe Batataense. Aí era também professor de música conceituado. O maestro Ignácio Stábile, de Ribeirão Preto, foi buscá-lo a fim de que ele participasse da famosa 'Orchestra Sinfônica da Capital d'Oeste', onde continuou lecionando música a inúmeros alunos. Era elemento do 'cast' da PRA 7 de Ribeirão Preto e compositor inspirado de trechos destinados a programas comemorativos.

Convidaram-no certa vez para uma retreta em Campinas, quando essa cidade prestava homenagem ao imortal Carlos Gomes. Foi contratado como 2º clarinete, mas galgou o lugar de primeiro, dada sua excepcional facilidade na execução das músicas.

Extraordinariamente calmo, modesto e calado - a par de uma maravilhosa aptidão musical -, tinha qualidades atestadas por vários músicos que com ele conviveram."

Quanto ao maestro Joaquim Antão Fernandes, sabe-se que era batataense, tendo nascido em 1864, e aprendido música com o mestre Leonardo. O professor Caetano - de primeiras letras - registrou-o na escola como Joaquim Antão Fernandes Leão. Quando jovem, foi para São Paulo, onde ingressou na corporação musical da Força Pública, da qual veio a ser maestro, tendo mudado seu nome para Joaquim Antão Fernandes.

Por ocasião da inauguração do Grupo Escolar Dr. Washington Luiz, em nossa cidade, no ano de 1911, aqui veio com sua banda, para abrilhantar a festa. Escreveu inúmeras composições, arranjos e orquestrações e inclusive o Hino de Batatais, cuja letra é de autoria do professor Antonio Nogueira Braga, conforme já foi dito acima.

É com indisfarçável alegria que registro o fato de ter encontrado o nome do maestro Antão em mais de um livro sobre a história da música.

Lemos em Tinhorão, 1998, pág. 187:

"Em São Paulo, segundo o pesquisador Aluísio de Almeida, em seu estudo Folclore da Banda de Música, 'a Banda da Polícia já era boa quando, no Império, a Força Pública se chamava Corpo dos Permanentes'. E acrescentava:

"Nos primeiros anos da República, a banda de música da polícia ou da Força Pública de São Paulo, tornou-se a melhor do Estado, sob a regência do maestro Antão.

Ao que tudo indica, a música dessa banda paulistana gozava mesmo de grande popularidade entre o público da capital do Estado que comparecia para ouvi-la tocar nas noites de quinta-feira no coreto do Jardim da Luz, e aos domingos no palácio do Governo, pois logo no início do século a Casa Edison do Rio de Janeiro começa a lançar no mercado uma série de discos da

Banda da Força Policial de São Paulo, levando por vezes no selo do disco a indicação expressa: 'Dirigido pelo maestro Antão'."

8 - Conclusão: A Euterpe Batataense hoje, segundo depoimento do maestro Raul Tofetti

Objetivando melhor compreender esse interessante movimento cultural de Batatais, buscaram-se fontes escritas, sobretudo textos de Jean de Frans, documentos da Câmara Municipal de Batatais, do Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luís, jornais da época, fotografias, bem como depoimentos de pessoas que participaram desse movimento.

Conclui-se com entrevista do Maestro Raul Tofetti, atual regente da Euterpe Batataense.

"A Banda foi reinaugurada em 19 de julho de 1969. Houve uma apresentação muito bonita e alegre na Praça, sendo que a primeira música que tocamos foi o dobrado "Janjão", que também é muito bonito.

De Brodowski fomos doze músicos tocar em Batatais, porque aqui já havíamos tido duas bandas de música e os músicos estavam disponíveis. Inclusive cada um desses levou seu próprio instrumento. Aprendi música com o maestro Protásio, que vinha ensinar aqui em Brodowski, eu e meus irmãos Oscar e Renato. Mais tarde com os maestros Aristeu, Alfeu e Aquilino, em Batatais. No início aprendemos teoria, depois pegávamos o instrumento. Estudei depois dois anos no Conservatório em Ribeirão Preto. No total, foram seis anos.

Em 1969, assumiu a regência da Banda o maestro Aquilino Ribeiro e depois Deocleciano de Souza, o "Doca", que ficou por uns quatro anos. Na gestão do prefeito Salim Jorge Mansur (1989-1992) eu fui indicado para reger a Banda.

Temos um bom repertório. Tocamos valsa, bolero, rumba e música popular brasileira. Música clássica ainda não. Entre nós, estão jovens que estudam música no Conservatório da Casa da Cultura de Batatais, para ficarem melhor preparados. Isto vai ajudar muito a Banda. O fato de estar conosco o Sr. Hércules Olivieri, que é um músico experiente e ótimo arranjador, é muito importante, porque ele faz os arranjos que nós necessitamos".

Com este depoimento, encerra-se a primeira parte deste trabalho, que pretende resgatar a música em Batatais nos velhos tempos, como seu título o diz. Fez-se todo o possível para que esta história fosse resgatada com o máximo de fidelidade. Mas, como a vida se vive e não existe preocupação de se registrar tudo, cabe ao memorialista e ao historiador investigar e tentar registrá-la da melhor maneira possível. Foi o que se fez.

Neste afã, houve a recompensa de conhecer músicos que tiveram a máxima gentileza de contar um pouco de suas vidas, fornecendo os dados ainda presentes em suas memórias e alguma vezes emprestando fotos, o que fará que se chegue ao *desideratum*. Assim se espera...

CARDOSO, Clotilde de Santa Clara Medina. The music in Batatais in the old times. *AMICUS*, Batatais-SP, ano I, nº 1 - P. 21-40 - Julho 2000

ABSTRACT: The bands in Batatais have been known since the last quarter of the 18th Century. They were formed initially by musicians originally from Minas Gerais who moved to Batatais and afterwards by Italian immigrants and their descendants and they still remain a source of popular entertainment.

KEYWORDS: musicians, bands, conductors, society, events.

BIBLIOGRAFIA

LANG, FRANCISCO CURT, A música barroca, In, HOLANDA, SÉRGIO BUARQUE DE. *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1977, tomo I, 2º vol.

TINHORÃO, JOSÉ RAMOS, *História social da música popular brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1998.

O ROUBADOR DE CONVERSAS

Claudete Camargo Pereira BASAGLIA*

RESUMO: Conversas de velhos aposentados, ao tempo em que, no “banco da mentira”, contavam-se “causos” e proezas vividas ou imaginadas

UNITERMOS: Lembranças, aposentados, “mentiras”, saudosismo, proezas.

Enquanto Plínio Marcos era preso em São Paulo, Che Guevara morria na Bolívia, os estadunidenses chegavam à Lua e faziam a guerra do Vietnã, corriam os anos sessenta.

Para tratarmos dos anos sessenta precisamos lembrar e esquecer algumas coisas. Lembrar que tanto o Brasil, quanto outros países da América Latina, viviam anos de turbulência governados por ditaduras militares, e que a Guerra Fria acirrava os ânimos do Ocidente e do Oriente. Esquecer a convivência diária, intensa, com os meios de comunicação em geral, sobretudo a televisão, além do grande número de veículos que transitam por todas as ruas das cidades, sejam grandes ou pequenas.

Assim, é possível compreender que por serem poucas e toscas as imagens da chegada do primeiro homem à Lua, não conseguiram convencer o pedreiro aposentado Joaquim Roberto Moreira, pai da Duchinha e da Tereza, a acreditar na veracidade do acontecimento. Nas rodas de conversa nunca se mostrou disposto a voltar atrás nesta idéia.

Naqueles tempos a tranqüila Batatais, como a maioria das cidades do interior de São Paulo, ainda contava com o trem da Mojiana, os gostosos queijos da Cooperativa de Laticínios e já era conhecida como a cidade dos “belos jardins”, por ter reproduzido na praça que adorna a Igreja Matriz a técnica de topiaria, arte de podar árvores ou arbustos dando-lhes variadas formas, muito usada em jardins europeus.

Bons tempos, quando na faina do vaivém do balcão, o garoto de 14 anos, enquanto ajudava o pai, pôde recolher retalhos das conversas que ouvia de animados encontros de velhos aposentados e transformá-los em lembranças que agora podem derrubar algumas barreiras que nos separam do passado. É assim que podemos falar de algumas pessoas, como o sr. Joaquim, que compareciam, todas as tardes, ao encontro marcado diante da loja da esquina.

Ao longo de aproximadamente 20 anos, desde que a loja fora inaugurada em 1964, alguns moradores das redondezas, a maioria aposentados, encontravam-se para conversar, provavelmente enquanto suas mulheres, filhas ou noras estavam em casa preparando a janta.

Livres das atividades profissionais e familiares, os velhos aposentados, sem terem o que fazer e cansados de ficarem em casa, iam naquelas tardes encontrar-se na esquina e sentavam-se num banco para contar mentirinhas de pescarias, falar de suas apreensões com respeito ao custo de vida, da saúde ou simplesmente reviver o passado. O banco de madeira ficou conhecido por uma referência brincalhona, mas injusta, como

*Professora de Sociologia da Rede Pública Estadual de Ensino, das Faculdades Claretinas de Batatais e mestrandia em Educação na UNICAMP.

“banco da mentira”, uma vez que ali se contavam apenas mentirolas, atribuídas principalmente aos pescadores e sempre com a presença dos que vinham para concordar.

Além do fato de ser uma roda de homens aposentados, alguns outros pontos em comum podem ser destacados. Todos calçavam botinas no dia-a-dia, pois como afirmava o sr. Joaquim, sapatos eram apenas para ir à missa. As camisas de mangas longas, confeccionadas, como as calças, por competentes camiseiras e calceiras, faziam parte dos trajes. As indústrias de confecções de vestuário ainda não haviam se proliferado por todo canto, era necessário comprar tecidos e aviamentos e encaminhá-los para a costureira de preferência.

Grande parte deles nasceu na roça e mudou-se para a cidade em busca de uma vida que acreditavam ser melhor. É o caso do sr. Armindo Martins, sr. Adolfo Lima, sr. Argemiro Martins, que dispuseram de suas terras, comprando casa na cidade, para viver de renda. O sr. Joaquim nasceu na fazenda Olhos d’Água e também veio para a cidade aprender um ofício, na esperança de reverter o destino que acreditava estar traçado na fazenda, como descendente de negros escravos que era.

Aqueles homens vinham de vários ofícios que estabeleceram a sua identificação como pessoas, e aqueles tempos de trabalho são traduzidos nas lembranças que organizam a memória. O sr. Joaquim, o sr. Fortunato Lorenzetti, o sr. Sebastião Paulino, o sr. Salvador Mandrá são lembrados como pedreiros, e dos bons, pois detinham o conhecimento de elaboradas técnicas trazidas pelos imigrantes italianos e fartamente usadas na construção civil da cidade.

Nas acaloradas tardes vinha para um dedo de prosa o português Manoel Rodrigues, que morava num sobrado ao lado de sua máquina de limpar arroz, a poucos passos do ponto de encontro. Enquanto isso, de um lado, o sr. Salvador Mandrá subia a Manuel Gustavino, o que também fazia o sr. Sebastião Paulino calma e elegantemente, do outro lado da mesma rua. Já para o sr. Luizão Silva, pracinha aposentado, bastava atravessar a rua para vir contar suas proezas na Revolução de 32, quando esteve nas trincheiras da divisa Rio- São Paulo, e andou subindo e descendo trilhas da Serra do Mar, entre Paraibuna e Ubatuba.

O sr. Américo Tolói e seu irmão Eudóxio Tolói, que ficou conhecido por seus dons musicais, compareceram por muito tempo para ouvir os “causos” das antigas fazendas com suas casas assombradas e as aventuras do fiscal de pescas Humberto Bianco, conhecido como Juca Pindoba, por ter adotado este nome enquanto foi apresentador de um programa na rádio da cidade.

A aposentadoria e o custo de vida eram assuntos que estavam sempre na pauta do dia, afinal, todos ali, fossem os que haviam trabalhado e contribuído para o fundo de aposentadoria por trinta anos, fossem os que não trabalharam e contribuíram por três meses, tiveram neste período a oportunidade de aposentar. Talvez esse fato fosse levado em conta no silêncio com relação à política governamental, que não era um assunto debatido.

A conversa ficava animada com as risadas, provocações e troças do sr. Armindo, que gastava um bom tempo na feitura de seu cigarro de palha, enquanto o sr. Adolfo gostava mais de escutar, assim como o carpinteiro Benedito Monteiro. O sr. Wilson Fabri pouco participava das conversas porque estava sempre aproveitando o tempo para ajudar

o sr. Zeca com a escrita da loja, experiência que conseguiu com os anos de trabalho na padaria Nossa Senhora de Fátima, que pertencia à família Passos.

Mas todos se calavam para ouvir com atenção quando alguém lembrava uma das façanhas de um tal Calimério, morador da Rio Grande do Sul, considerado um grande mentiroso. Uma das histórias que contavam dizia que Calimério fora pescar e durante a pescaria sentiu que seu pesado relógio de bolso o incomodava, por isso o tirou, pendurando-o num galho ao seu lado. Quando terminou a pescaria, foi para a casa e ao chegar se deu conta de que havia perdido o relógio, pois não se lembrava do ocorrido. Passaram-se cinco anos e Calimério voltou a pescar no mesmo lugar, estava quieto na ceva de peixes e ouviu um tique-taque no alto, olhou para cima e ficou feliz, pois percebeu que o arbusto onde colocara seu relógio havia se tornado uma árvore e que lá estava ele são e salvo.

Dos últimos encontros no banco ficam as lembranças do sr. Zito Tame, do Juca Pindoba indo rapidamente à padaria buscar seu indispensável pão para depois conversar, do sr. Fortunato Lorenzetti com sua calça de brim cáqui, e do sr. Joaquinho sentando-se um pouco para descansar e prosear naquele ponto de encontro, que também fazia parte do caminho entre a casa de sua filha e a máquina de moer café, pois era sua tarefa levar os grãos torrados para moer.

A loja não existe mais e o banco também vive de recordações em um canto, onde não ouve mais a conversa fiada que trouxe, por 20 anos aproximadamente, os companheiros para o encontro diário. Existe, sim, uma marcante lembrança, sem carga alguma de nostalgia, uma lembrança que vem libertar estas pessoas para que possam continuar caminhando tranquilamente pelas ruas da cidade, ouvindo o som dos passos e das vozes, sem pressa, sem atropelos, encontrando e cumprimentando os conhecidos, como sempre fizeram.

BASAGLIA, Claudete Camargo Pereira. The talk’s stealer. AMICUS, Batatais-SP, ano I nº 1 - P. 41-43 - Julho 2000

ABSTRACT: Old retired men’ talkings, by the time that on “lies bank” true or imagined stories were told.

KEYWORDS: remembrances, retired, “lies”, nostalgia, stories.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª edição. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BOUVOIR, Simone. *A velhice*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MATTA, Roberto da. *A casa & a rua*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PEREIRA, José Carlos de Medeiros. *Memórias de uma filha de imigrantes portugueses*. Ribeirão Preto: Gráfica e Editora Villimpres, 1999.

SAMPEDRO, José Luís. *O sorriso etrusco*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Em homenagem a meu pai, Carlos Bianco, de corruptela italiana “Carleto”, quem me despertou o interesse pela história de sua sempre querida Batatais

RESUMO: Riqueza de informações e detalhes a respeito da origem e da formação da cidade de Batatais proporciona uma interessante visão da sua História até o início do século XX.

UNITERMOS: Caiapó, Anhanguera, Guayazes, Campos Lindos das Araras, Vila.

Na idade do Brasil floresta, ainda no distante século XVII, a paragem de Batatais foi palmilhada pelo Gentio Caiapó, o Ubirajara ou Ibirajara para o Tupi, que também o designava, como a todos os inimigos, de Tapuia, chamado de Bilreiro pelos sertanistas, o mesmo Caceteiro dos cronistas.

Nação vigorosa, vivia em aldeias, cada qual com o seu cacique, e povoava grandes extensões de terras, visto que, na expressão de Francisco José de Lacerda e Almeida, no seu Diário de Viagem de 1788, “é tão numerosa que só por si faz um grande império”, assertiva confortada pelo General Couto Magalhães: “a mais numerosa tribo dos plateaux centrais...uma grande e poderosa nação”.

Por conseguinte, os campos e os cerrados, as matas e os guaribus de Batatais tiveram no Gentio Caiapó o primeiro a lhes desvirginar os seus guardados segredos, abrindo, na busca de caça e vegetais, os trilhos serpenteantes e incertos, tanto que aqui estabeleceu aldeamento, como anota Mário Neme: “teríamos então que de 1668 a 1678, num período de dez anos, os índios estacionados em Batatais haviam abandonado tal paragem, continuando esta, não obstante, a ser assim denominada”.

De efeito, de uma carta de sesmaria datada de 1668, passada pelo vice-rei do Brasil na Bahia, colhe-se que os Beneditinos da Capitania de São Vicente receberam terras distantes cerca de 15 léguas da Vila de Jundiá, “pelo caminho que vai para o Sertão dos Lanceiros e Batatais”, início, pois, do primeiro lote “além do rio Jaguari e Camandocaia”.

Pedro Taques, a propósito de outra carta de sesmaria, cuja fonte, infelizmente, ele não indica, fala de um tal Manoel Lobo Franco, que conseguiu terras de cultura no rio Mogi, no caminho para os “Batataes”, que tinha sido alojamento dos gentios de 1668 a 1678.

E a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera pai, de cognome “Diabo Velho” (1673-1682), passou por aqui, como observa Azevedo Marques nos Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo.

É à bandeira de seu filho, do mesmo nome e alcunha, que partiu de São Paulo, em 2 de junho de 1722, esquadrinhando o mesmo caminho perseguido por seu pai, que se deve a

* Promotor de Justiça aposentado, Teólogo, Professor de Direito Civil da Faculdade de Direito de Franca e UNIP, Campus de Ribeirão Preto, e cursos Forensis e Êxito.

transposição do “Sertão do Rio Pardo”, estabelecendo de modo definitivo a “Rota do Anhanguera”, a qual, primitivamente, era chamada de “Caminho dos Batataes”, para depois ser denominada de “Estrada Geral dos Guayazes”. Impressiona no depoimento de Silva Braga, diarista de Anhanguera II, a narrativa de como, sem transtornos e incidentes, a bandeira alcançou Batatais, venceu suas redondezas e atingiu o rio Meia Ponte, para somente em seguida deparar com dificuldades de rumo à procura de seu destino: a serra dos Martírios.

Por isso, Carvalho Franco, no seu Dicionário, assevera que a estrada “vinha sendo freqüentemente trilhada”, no que é reiterado por Washington Luís Pereira de Souza, quando obtempera que este território já era mais ou menos visitado.

Com razão, posto que de 19 de junho de 1726 é o bando editado pelo Governo de Rodrigo César de Menezes, cuidando do povoamento dos “Batataes do Sertão de Goiazes” e ordenando que para lá fossem presos os índios “que se livram e livrarem daqui em diante não tendo razão ou achaque”.

De 31 de julho de 1728 é a sesmaria do bandeirante Urbano de Couto Menezes, jovem companheiro de Anhanguera II, que, na estrada de Goiás, perto de Batatais, formou fazenda, e de 4 de agosto do mesmo ano, a “Sesmaria dos Batataes”, de Pedro da Rocha Pimentel, “morador no termo desta cidade e nela casado com estabilidade de bens”, segundo o historiador batataense Dr. Jesus Machado Tambellini.

Assim, a Estrada Geral de Goiás tornou-se atração dos paulistas oriundos de São Vicente, Santos, São Paulo e Itu, cristalizando de vez a “Pouzada dos Batataes”, sendo, destarte, esta primeira fase do povoamento do “Sertão do Rio Pardo” uma aventura do espírito pioneiro dos paulistas, que fizeram de Batatais - antes uma paragem de acampamento indígena - um pouso de bandeirantes, pois eram essas pousadas descanso e reabastecimento das bandeiras ao longo de suas desbravadoras e extenuantes jornadas.

José Chiachiri Filho preleciona que “esta ação povoadora dos paulistas não vai além do século XVIII. Chegando ao século XIX, o panorama transforma-se completamente e serão os mineiros que se incumbirão da obra povoadora”. De fato, na era do ouro, prevalece o bandeirante paulista, mas, com a pecuária e a agricultura, é o “infrante” mineiro que comanda o povoamento. Aos paulistas, a pousada; aos mineiros, a freguesia.

Esse movimento migratório fez de Batatais um povoado e, desta forma, o Alvará Régio de 25 de fevereiro de 1815, criou a “Freguezia dos Batatais” no sertão da estrada de Goiás, no Bispado de São Paulo, atendendo aos reclamos dos moradores da “grande falta que sofriam de pasto e socorro espirituais, pela longitude da Freguezia”. O alvará nomeou também o orago: “seja ereta uma nova freguezia com a invocação do Senhor Bom Jesus dos Batataes”. Contudo, como Manoel Bernardes do Nascimento já havia trazido de Minas Gerais, transportada em carro de bois, por volta de 1814, a imagem do Cristo Flagelado, com a frente emoldurada por um cercilho de ramos espinhosos e de junco, no ombro um manto púrpuro, e na mão direita uma cana, ou seja, o Senhor Bom Jesus da Cana Verde, este perseverou como padroeiro, não o orago escolhido pela Coroa.

Nota-se que a motivação da criação da freguesia foi religiosa, inclusive o requerimento dos moradores foi endereçado por representação do Bispo de São Paulo, circunstância, sem dúvida, muito a gosto da Coroa Portuguesa, e que faz lembrar o Rei D. João III, que dirigiu esse discurso ao primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Souza: “a principal causa que me levou a povoar o Brasil foi que a gente do Brasil se convertesse à nossa santa

fé católica”.

A freguesia atraía pequena população, era pobre; uma pequena e rústica casa de oração, construída com madeira roliça e tosca, sem forro nem acampamento e, ao redor, algumas casas só barreadas, sem assoalho, poucas com cobertura de telhas e, nos subúrbios, não mais de cinco quintais cercados de madeira, com cabanas cobertas de palha ou capim.

A zona rural, ausente de grandes matas, salpicada, entretanto, de cerrados e capões penetráveis, com largos campos e boas aguadas, terra senão de cultura, fresca e produtiva, coberta de barba-de-bode, capins mimoso, flecha, membeca, gordura, ondeados ao sabor de confortante aragem, onde - na expressão do Visconde de Taunay - são abundantíssimas as perdizes, seriemas, capoeiras e outras aves de vôo rasteiro”, apresentava-se ponteada de fazendas: a dos Batatais, Paciência, Cervo, Macaúbas, do Retiro, São Pedro, Santa Bárbara, com os primeiros proprietários de ânimo definitivo, Manoel Bernardes do Nascimento, Alferes Antônio José Dias Chaves, Germano Moreira, Padre Manoel Pompeu de Arruda, Antônio Pereira Lima, Paulino Pinto Nazário. Na agricultura, prevalecia o plantio de milho, mandioca e, como óbvio, batata; e na pecuária, o gado vacum, suíno, muares e carneiros. Do leite, os derivados, especialmente o queijo, tudo muito à mineira.

No dia 19 de setembro de 1820, a morte do Padre Manoel Pompeu de Arruda, já doente, reuniu a consternada população urbana e rural; seu sepultamento aconteceu na rústica capela, sob os olhos da imagem do Senhor Bom Jesus da Cana Verde. Sucedeu-lhe, com ânimo de permanência, Padre Bento José Pereira, vindo da capital.

Conta a melhor tradição oral que Padre Bento, logo que aqui chegou, cativou-se dos “Campos Lindos das Araras”, afastado cerca de duas léguas da sede da freguesia. Do local denominado “Porteira”, a atual Vila Lúcia, o sacerdote admirava as belezas naturais do sítio, com colina central, onde passou a imaginar a igreja, a comodidade da terra branca e fresca, que ele assim descreveu: “tem as necessárias propriedades de Arraial, a terra branca... largueza bastante e sítios aptos para chácaras e lugar anexo; o qual se doou à Igreja”. Concebeu a mudança da freguesia nesses devaneios.

A sua intenção recebeu, contudo, grave impugnação, consubstanciada na rigorosa oposição liderada por Manoel Bernardes do Nascimento e Alferes Antônio José Dias Chaves, que tinham suas fazendas muito próximas da freguesia. As duas partes em dissensão trocaram petições dirigidas ao Bispo de São Paulo, D. Matheus de Abreu Pereira, com muitas informações da vetusta Batatais de ambientação campesina. A decisão contemplou a pretensão da transferência, e a provisão foi lida durante a celebração do Santo Ofício, como determinava, para o amplo conhecimento dos moradores. A mudança aconteceu em 1822, ou no ano seguinte, certo que a doação do patrimônio é datada de 10 de agosto de 1822, feita pelo benemérito casal Germano Moreira e Ana Luiza, quando prenhe dos últimos dias o ato simbólico da independência brasileira.

O incipiente núcleo urbano fazia florescer a nova Batatais dos Campos Lindos das Araras, ao passo que o arraial velho das beiradas da Estrada Geral de Goiás fenecia com o mato invadindo as ruas abandonadas, e as casas desabitadas assinalavam a agonia do acalentado projeto de Bernardes e do Alferes, este já falecido. Padre Bento, de inquebrantável tenacidade, incitava a solidariedade dos fiéis, para que, com espórtulas, concluíssem a construção da nova igreja, sinete definitivo de sua vitória, pois sabia ele que o povoado crescia onde havia “pasto e socorro espirituais”, sendo a igreja o centro da vida urbana. Em 19 de maio de 1838, Padre Joaquim Soares Ferreira, então vigário da freguesia, recebeu a permis

são para benzer a nova matriz, uma vez que Padre Bento José Pereira havia sido removido, bem provavelmente porque o movimento que liderou trouxe-lhe retesias incompatíveis com a sua missão evangelizadora.

Assim, a vida batataense retornou à áspera rotina que timbrava a labuta diária dos pioneiros, recheada de obstáculos e desconfortos enfrentados e vencidos pelo adentrado ânimo de sobrevivência e busca de riqueza, capacitando o embrionário ambiente urbano, além de dominar, com cultivos e pastoris, a terra bruta e virgem, na utilização de rudimentares utensílios, que tinham na fibra humana o seu principal ingrediente.

De Vila Franca do Imperador surgiram as condições fáticas determinantes de novas emoções, refletindo na história de Batatais, quebrando, mais uma vez, a sucessão do cotidiano e estabelecendo outras mudanças. Foi a sina do Capitão das Gerais, Anselmo Ferreira Barcelos, episódio do povo francano que passou para as páginas da história como “A Anselmada”.

Travadas as eleições municipais de 7 de setembro de 1836, naquela vizinha vila, a emergente liderança dos liberais comerciantes urbanos conseguiu retumbante vitória em detrimento dos senhores rurais, que até então detinham a hegemonia dos cargos públicos. O Capitão Anselmo passou a porta-voz da insatisfação, denunciando fraude eleitoral e não desprovido de veementes indícios. Debalde as arremetidas de solução institucional, Anselmo Ferreira Barcelos optou pelo desenlace violento e, no comando de uma turba de cavaleiros, invadiu, por três vezes, naquele agitado ano de 1838, a Vila Franca do Imperador, retomando o poder para o seu grupo. Não bastasse, foi ele ainda, ante a evidência das provas, denunciado pelo homicídio do juiz de paz Manoel Rodrigues Pombo.

Foram grandes as repercussões políticas da Anselmada. Na Assembléia Legislativa Provincial, para uns era o Capitão um herói; para outros, um facínora. Cumpria julgá-lo pelos crimes de sedição e homicídio. Na comarca de Vila Franca, o clima não apresentava nada de neutralidade, e remetê-lo para julgamento na distante comarca de Mogi-Mirim jamais seria aceito; como não convinha desafiar o seu poder e a sua influência, surgiu a solução política através da lei número 7:

“HAVERÁ NESTA PROVÍNCIA MAIS UMA COMARCA, COMPOSTA DE DOIS TERMOS, O DE MOGI-MIRIM E O DE FRANCA DO IMPERADOR: A FREGUESIA DE BATATAIS, PERTENCENTE A ESTE TERMO, FICA ELEVADA À CATEGORIA DE VILA, E SENDO A CABEÇA DO DITO TERMO...”

Era 14 de março de 1839.

A freguesia e a vila confundiam-se, considerando que a elevação não se fulcrou na melhoria dos instrumentos urbanos. Dominando a colina central, no meio do retângulo formado por mal delineadas ruas, a Igreja do Senhor Bom Jesus da Cana Verde aparecia imponente, com sua porta de entrada para a Estrada Geral de Goiás. As casas, que contornavam o largo, tinham plantas quadradas ou retangulares, construídas de maneira quase uniforme, ao rés-do-chão, com telhados de quatro águas, sustentados por baldrames de madeira de lei e paredes de pau-a-pique revestidas por camadas de barro misturado com estrume de gado e massa de cinza, que lhes davam liga e consistência. Suas fachadas, tangendo as ruas, eram pintadas de branco conforme a tradição lusitana, e as esquadrias de madeira de cores azul, cinza, verde ou amarelo, contrastando agradavelmente com a brancura das paredes, sendo a porta fronteira bem ao alinhamento da calçada, como que um convite para os amigos entrarem.

Afora esse retângulo central, uma ou outra rua e, na periferia, sem arruamento, alguns casebres geralmente de taipa e cobertos de sapé, visto que somente em 1882 a Vila alastrou-se em três praças e treze ruas.

Não havia canalização d'água, nem aqueles pequenos regos que a Municipalidade fizera em outros tempos serpear pelos quintais com os anéis e as bicas, precursores das penas d'água e das torneiras; era o poço, ou melhor, a cisterna profunda com caixão, o sarrilho e o enorme balde, conta Jean de Frans.

Sequer se cogitava da iluminação pública e, no interior das casas, usava-se a candeia de azeite e o pavio de algodão de luz mortiça e muita fumaça, que a tudo enegrecia, até as narinas dos moradores.

Na verdade, a Vila de Batatais era pobre de instrumentalização, razão das dificuldades assinaladas pelo Juiz do novo Termo da Comarca, Dr. Joaquim Firmino Pereira Jorge, em correspondência remetida ao Presidente da Província: “para o que foi preciso ir até lá, visto que ao contrário nada se faria não só pela falta de quem gerisse a Câmara, como também pela pouca vontade que havia de executar-se a Lei de criação da Vila, por conhecer-se que a população ainda é muito pequena para ser mais do que Freguesia.” Evidente que o Magistrado exagerou, grande era o descontentamento de parte da população francana com a elevação de Batatais à vila, mas, sem dúvida, essa elevação feita de inopino e sem qualquer preparação trouxe inúmeras dificuldades de implantação.

Finalmente, em 16 de setembro de 1839, a Vila foi instalada com a posse da primeira Câmara, na casa de Antônio Ferreira Rosa, eleito Vereador, sendo seus pares de edilidade Manoel Antônio Pereira, João Luiz Affonso Salgueiro, Antônio Alves Ferreira, Joaquim Alves Ferreira e Venceslau Bernardes do Nascimento. Ao mais votado a presidente da Câmara, assim Antônio Ferreira Rosa presidiu o juramento de seus colegas nos seguintes e solenes termos: “Juro aos Santos Evangelhos de empenhar as obrigações de Vereador da Vila de Batatais e de promover quanto a mim couber os meios de sustentar a felicidade pública”.

Os suplentes que chegaram a assumir a primeira legislatura batataense foram Antônio Garcia de Figueiredo, Carlos Barbosa Magalhães, Domiciano Ferreira Ribeiro, Manoel Gonçalves Martins e José de Andrade Diniz Junqueira. E os primeiros funcionários, José Severino de Almeida, procurador; Camilo Maria de Lellis Coimbra, secretário; e José Ferreira Marques, porteiro.

Não existia o cargo de Prefeito Municipal, cumprindo à Câmara todos os atos de administração da Vila, que conservou o mesmo território da Freguesia, ou seja, a base geográfica “entre os rios Pardo e Sapucaia, servindo-lhe de limites até as barras do rio Grande, e dividindo com a Freguesia de Jacuí pelos marcos da Capitania”, o que equivale, atualmente, aos municípios de Santo Antônio da Alegria, Altinópolis, Brodowski, Sales Oliveira, Nuporanga, Orlandia, Morro Agudo e Guaíra.

Sentindo o clamor popular de isolamento e falta de notícias, a Câmara fez a sua primeira reivindicação ao Governo da Província no sentido de que o Correio passasse a servir a Vila, nela entrando para a entrega de correspondência. Mas os primeiros meses não se resumiram na preocupação dos pedidos e iniciativas de melhorias urbanas e, sim, em conturbações que exigiram empenho, vigilância e capacidade de suportação dos problemas da emancipação político-administrativa, sempre exportados pela convulsão intestina da vizinha Vila Franca do Imperador.

Logo em outubro, alguns francanos armados, expulsos de sua Vila, invadiram Batatais,

adotaram a repulsiva postura de bravata e chegaram à contumácia contra as autoridades. A sedição durou três dias sem que as autoridades da Comarca se deslocassem para esta cabeça de termo, embora o Juiz Pereira Lobo chamasse os invasores de facínoras e timbrasse a situação de “não pouco arriscada”. As autoridades locais, desprovidas de meio de resistência, souberam contornar o episódio com a celebração de dois casamentos, pois tudo indicava que os invasores, deixando de afogadilho a Vila Franca, pretendessem apenas regularizar o estado civil desses casais.

Urgia, por outro lado, preparar a Vila para o julgamento do Capitão Anselmo e seus asseclas. À Câmara incumbiam medidas de tranquilidade urbana, preservando a imparcialidade e afastando as pressões externas, além de diligenciar sobre a segurança da população, posto que não arredadas, antes previsíveis, eventuais iniciativas de violência. Todavia, nos dias 9 e 15 de novembro de 1839, a sessão do júri foi instalada e as crônicas não registram qualquer irregularidade, pois o julgamento transcorreu num clima próprio, apesar das expectativas de muita apreensão, dissipadas pelo decreto absolutório.

Jean de Frans descreve a Batatais de 1872 como “ainda vilarejo humilde” do sertão paulista, “seus prédios não chegariam, talvez, a duzentos”. Compunham seu urbanismo três praças, “invadidas pelo mato, que vicejava impunemente” e treze ruas, “concordando inteiramente com os largos”. As praças eram o Largo da Matriz (hoje Praça Cônego Joaquim Alves), o Largo do Rosário (atual Praça Washington Luís) e o Largo da Cadeia, próximo ao do Rosário, agora os prédios da Companhia Paulista de Força e Luz e a antiga fábrica de tecidos do Jafé. As ruas eram a Chafariz (Ladeira Dr. Mesquita), a do Comércio (Rua Celso Garcia), a de Cima (Ruas Coronel Pereira e Dona Adorama), a de Baixo (Rua 7 de Setembro), a da Cadeia (Rua Prudente de Mórals), assim chamada por lá se localizar a antiga cadeia pública, a da Outra Banda (Rua Duque de Caxias), todas terminando na rua em cuja extremidade ficava a Porteira do Potreiro, saída da vila e caminho da antiga Batatais. Como transversais, a Rua Direita (Rua Coronel Joaquim Alves), a do Theatro (Rua Santos Dumont), a do Cemitério (Rua Barão de Cotegipe), apenas um caminho esburacado que demandava ao cemitério, que só em 1900 passou a ter um cruzeiro por determinação do Padre Vicente Passos. O bairro do Castelo era apenas chácaras e seu acesso dava-se pela Rua do Castelo (atual Marechal Deodoro), de onde derivava a Rua do Outro Mundo (hoje José Augusto Fernandes), um canto abandonado, com um ou outro casebre. Do outro lado, a Rua do Canto (atual Rui Barbosa). Nada além, senão as chácaras com muitos animais e plantações, sendo a mais importante a do Chico da Onça, depois propriedade do Juiz de Direito Rocha Pombo.

Em sucinto resumo, estes foram os principais fatos que marcaram o início de nossa Batatais, que, hoje, conta uma história de 161 anos.

BIANCO, João Carlos. Batatais in its beginning. AMICUS, Batatais-SP, ano I n° 1 - P. 45-50 - Julho 2000

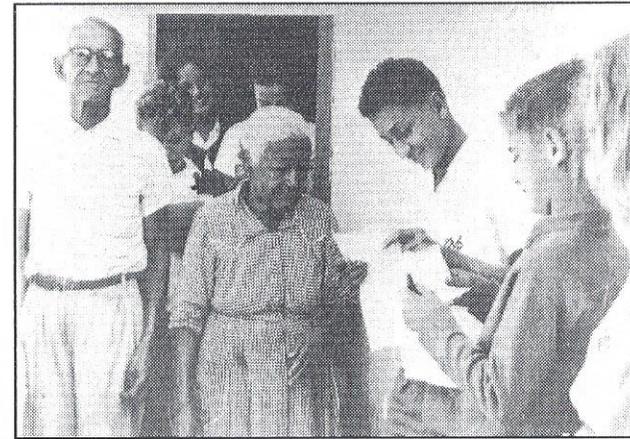
ABSTRACT: The richness of information and details concerning to the origin and the structure of the city of Batatais provide an interesting view of its history until the beginning of the twentieth century.

KEYWORDS: Caiapó, Anhanguera, Guayazes, Campos Lindos das Araras, Village.

SEÇÕES

D. EMÍLIA

José Carlos de Medeiros PEREIRA**



D. Emília e seu esposo sendo entrevistados por alunos do "Ginásio Vocacional Cândido Portinari".

De modo geral, em publicações de qualquer tipo, só lemos alusões biográficas a pessoas que ocupam ou ocuparam elevada posição social, econômica, cultural etc. É comum dizer-se que indivíduos comuns, sobretudo quando pobres, só são notícia nos cadernos policiais dos jornais. É uma verdade, infelizmente. Na abertura desta seção de revista queremos homenagear uma mulher que, pelos critérios usuais, só entraria nos relatórios oficiais por ter nascido, casado e morrido. Trata-se, entretanto, de uma mulher de certa forma notável, embora não tenha ocupado, pelos critérios atrás mencionados, uma posição de destaque na comunidade batataense.

É claro que são inúmeras as maneiras pelas quais uma pessoa pode se sobressair entre seus semelhantes. Mas, normalmente, elas entram para a história por terem sido políticos importantes, chefes de Estado, generais brilhantes, cientistas eminentes, grandes escritores, filósofos notáveis e assim por diante. A simples leitura das notas biográficas de dicionários enciclopédicos confirmam o que estamos dizendo. Poucos leitores se perguntam sobre as circunstâncias sociais, históricas ou pessoais que fizeram tais figuras terem seus nomes incluídos nessas

*Os leitores de Jean de Frans percebem que este título já aparece em obra deste autor, publicada em 1939. Usamo-lo, porque nos parece ser essa uma oportunidade, ainda que modesta, para se prestar homenagem ao nosso maior cronista.

** Doutor em Sociologia, livre-docente em Medicina Social e professor associado aposentado da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da USP.

publicações. O mais das vezes, estou convencido, é pela mais simples das razões: pelas circunstâncias do nascimento. Sobretudo em se tratando da História Antiga até a Moderna, os nomes que dela constam são, quase todos, de pessoas que nasceram num berço esplêndido. Entre eles, até mesmo débeis mentais e notáveis mediocridades. Vamos deixar para outra oportunidade, entretanto, uma discussão mais aprofundada sobre o assunto. Afinal, nosso propósito aqui é escrever sobre D. Emília.

Seu nome completo era Emília Cândida de Jesus. Viveu bastante: 89 anos. Nasceu em 1880 e faleceu em 1969. Foi uma das maiores amigas de meu pai, Aymoré Celso Pereira e, depois, de minha mãe, Jorgina Medeiros Pereira. Acabou sendo uma referência para os filhos do casal. Enviuvou antes dos 20 anos, e com cinco filhos. Foi casada em segundas núpcias com o Sr. José Pereira de Almeida, que todos chamavam de José Albano e que foi jardineiro da Prefeitura. Eles moraram em várias pequenas casas de aluguel: na rua Duque de Caxias, em duas casas perto do Hospital Major Antônio Cândido, numa delas com uma filha, e em outras. No fim da vida moraram numa casinha que ficava numa rua que margeia o terreno do Colégio São José.

D. Emília receitava chás para algumas mazelas comuns, mas seu maior auxílio, na área dos achaques, se fazia através de benzeções. Era uma benzedeira afamada. Benzia com um galhinho de arruda. Pronunciava, baixinho, a oração apropriada ao caso, creio eu. O interessante é que ela era o que se podia denominar de beata. Freqüentadora assídua de missas e comungante. Contou-me minha mãe que ela pertencia à Irmandade N. S. do Rosário, cujas integrantes usavam um vestido preto com uma faixa cor-de-rosa. Nunca a questioneei a respeito, mas suponho que ela tinha a teologia comum às pessoas de seu nível cultural que se diziam católicas no começo do século. Era um catolicismo ritualístico, centrado na veneração de imagens, na participação em cerimônias como procissões, na confiança no poder milagroso de algum objeto ou oração, no auxílio dos santos, na adoração de Maria, de Jesus e de símbolos como a cruz. A compreensão do mundo natural e social era enormemente facilitada pela simplificação permitida por essas crenças na intervenção de poderes sobrenaturais, como a Divina Providência. Leis naturais e sociais, obviamente, não faziam sentido para ela. Inclusive porque as desconhecia.

Mas que formidável empatia ela estabelecia com seus semelhantes! Nessa outra área é que foi uma pessoa notável, tendo contribuído significativamente para melhorar a qualidade de vida dos que com ela conviveram ou simplesmente a conheceram. D. Emília atuava de um modo difuso: acalmava, estimulava, aumentava a confiança daquele que com ela conversava. Depois de ouvi-la, as coisas não pareciam estar mais tão ruins como no início da conversa. Eu a conheci quando ela já tinha mais de 60 anos. Para um menino, era uma velha. E certamente era. Pequena, gordinha, falava baixo com uma voz muito meiga. Nunca a ouvi levantar a voz. Não praguejava. Era uma grande ouvinte, mesmo de casos contados por um menino. Além do mais, estava sempre pronta a fritar um bolinho e fazer um café para qualquer visita.

Segundo minha mãe, meu pai a conheceu por trabalhar na Mogiana com um filho dela, o Sr. José Malachias. Minha lembrança já é diferente. Não posso afirmar peremptoriamente porque a memória é muito traiçoeira. Julgo ter ouvido de meu pai que quando ele tinha uns 11 ou 12 anos, seu pai, meu avô, José Pereira Júnior, apelidado José Português, um alfaiate de renome, foi tido como tuberculoso. A família ficou na mais extrema miséria. Ele, menino franzino, saía com uma enxada nas costas oferecendo-se para capinar quintais, ainda que fosse em troca de um prato de comida. Conheceu D. Emília nessa ocasião e, a partir daí, nunca lhe faltou o que comer enquanto a família se recuperava, o pai se tornava vendedor de bilhetes de loteria e ele aprendiz de telegrafista na Mogiana.

Muitíssimo interessante era a técnica usada por D. Emília para acalmar os até mesmo desesperados que a procuravam. Ela começava por ouvir atentamente o interlocutor, que clamava da vida, do marido, do pai, do patrão, de um colega. Dava sempre razão ao queixoso. Inicialmente, diga-se. Depois, aos poucos, apontava a possibilidade de alguma solução, mostrava que o outro, quando era o caso desse tipo de lamentação, tinha algumas qualidades; apontava-as; sugeria um meio qualquer de restabelecimento da paz entre os briguentos. Ao final, a pessoa sempre saía da conversa mais ou menos ou até mesmo totalmente aliviada.

Possivelmente D. Emília era analfabeta. Não tenho certeza. Mas sem dúvida era desconhecedora do mundo mais amplo. Isso não a impedia de se alegrar com o sucesso alegado por quem com ela dialogava. Não só consolava; também demonstrava carinho e admiração. Sempre era estimulante, mesmo que não soubesse de fato de que o interlocutor se sentia envaidecido. Se ele estava feliz, igualmente ela. D. Emília tinha um talento especial para encontrar a palavra e o gesto que poderiam tornar aparentemente menos graves os percalços da vida narrados pelos que a procuravam. Era essa, em meu entender, a principal qualidade que a tornava uma pessoa especial: a genuína e espontânea satisfação em partilhar a felicidade dos amigos, em consolá-los, animá-los. Enfim, creio que todos os que a conheceram sentiram nela uma grande capacidade de com eles se identificar.

UM LUGAR DE MEMÓRIA: O ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE BATATAIS

Alessandra BALTAZAR *

Karina E. SERRAZES **

Luciana SQUARIZI ***

Os arquivos das instituições públicas são geralmente considerados como meros depósitos de papéis, armazenados em locais inadequados e sem o devido tratamento técnico. Parte desses arquivos constitui o que muitos ainda chamam de arquivo morto, ou seja, aqueles papéis que já não precisam mais ser consultados e por isso devem ser eliminados ou simplesmente guardados em locais menos recorrentes.

A outra parte desses arquivos é organizada por funcionários não especializados, que armazenam os documentos de forma precária e com critérios de ordenamento inadequados. Assim, os arquivos acabam sendo pouco aproveitados como parte funcional dessas instituições e principalmente, acabam sendo menosprezados enquanto fonte histórica.

Os documentos produzidos por uma instituição registram sua funcionalidade de tal modo que, ordenados por série, esses documentos permitem a visualização de qualquer modificação no funcionamento interno da mesma, ou melhor, a documentação é o próprio registro da história da instituição. Todavia, a organização dos documentos produzidos e armazenados pelas instituições públicas quase sempre é adiada, não apenas pela falta de recursos financeiros, mas também pela desinformação e incompreensão do valor histórico deles.

Dentre os vários arquivos públicos podemos citar os arquivos das Câmaras Municipais, que são de grande relevância para a preservação da memória local, pois tal instituição acumulou as funções executivas e legislativas desde a sua criação no período imperial até os finais do século XIX, sendo depositária de um rico patrimônio arquivístico dos municípios brasileiros.

Em Batatais, por exemplo, o levantamento histórico inicial da documentação da Câmara Municipal indica que, apesar da criação da Intendência em 1891 e da Prefeitura em 1906, a Câmara continuou a acumular os documentos produzidos pelo executivo, pois esses dois poderes permaneceram funcionando no mesmo prédio.

Esse levantamento do acervo documental de caráter permanente teve início em junho de 1999 e inclui a organização e a catalogação dos documentos acumulados pela Câmara Municipal de Batatais, desde sua instalação em 1839 até o ano de 1947. A iniciativa de levantamento histórico desse arquivo, está apoiada pela Lei n. 8.159, que dispõe sobre a obrigatoriedade da organização e preservação dos documentos públicos, e demonstra

* Arquiteta e urbanista, formada pela Unesp, "campus" de Bauru.

** Mestranda em História, pela Unesp, "campus" de Franca.

*** Licenciada em História, pela UFOP, Técnica em Arquivo.

por parte do poder público a preocupação com a preservação da memória das instituições, bem como da identidade cultural da população.

O trabalho de organização do acervo documental da Câmara Municipal tem como objetivo não apenas o arranjo, conservação e ordenamento dos documentos, mas também a facilitação do acesso deles aos pesquisadores e à população em geral. Ainda que o levantamento não esteja terminado, já é possível perceber as potencialidades de pesquisa desse arquivo, não só na área de história política, como também nas áreas de saúde, economia, educação, cultura, esporte, religião, segurança pública, meio ambiente, urbanização, arquitetura, etc. Documentos como, por exemplo, os registros de enterramento do Cemitério Municipal, fornecem informações sobre a cor, filiação, idade e a causa da morte das pessoas; os requerimentos de instalação de água e esgoto, os pedidos de licenças de edificação, juntamente com as plantas das casas e as propostas de trabalho de iluminação pública, permitem visualizar o desenvolvimento urbano da cidade; os ofícios recebidos da Secretaria dos Negócios do Interior sobre a educação pública, os relatórios do Serviço Sanitário sobre doenças e até mesmo receitas médicas pagas pela Câmara durante a epidemia de gripe em 1918 e muitos outros.

O levantamento dos documentos também possibilitou a visualização das atitudes políticas de pessoas como Washington Luís, Renato Jardim e Altino Arantes, que iniciaram sua carreira política em Batatais e são até hoje lembrados como nomes ilustres da cidade.

Dessa forma, fica evidente a importância dos arquivos municipais como lugares de memória, em que é preservado um pouco da história local. A iniciativa de preservação da documentação da Câmara Municipal começa a ser reconhecida pela sociedade. Houve até mesmo a doação de documentos pessoais de José Augusto Fernandes (pseudônimo Jean de Frans), que foi secretário da Câmara Municipal e um dos principais memorialistas da cidade.

BATATAIS, NA HISTÓRIA REGIONAL

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado & BRIOSCHI, Lucila Reis (Orgs.). Na Estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista. São Paulo, Humanitas FFLCH/USP, 1999, 252 p.

Walter CARDOSO*

De imediato, os autores esclarecem que a expressão “regional”, empregada no título, não significa que houve pretensão em se elaborar uma “história regional abrangente”, mas buscou-se um exame da evolução agrícola, da ocupação do espaço e da organização fundiária. Para tanto, a equipe de pesquisa valeu-se do material existente em arquivos de diversas cidades da região, do Arquivo Nacional, bem como de diversas publicações, tais como Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, etc.

Sob o título “Sociedade e Natureza”, a obra inicia-se tratando das configurações do Nordeste paulista, cujos campos foram ocupados e povoados desde o século XVIII, bem como as terras que posteriormente permitiram a expansão da cafeicultura. Daí, o adequado exame da formação do solo e relevo, sua morfologia e clima. Isto posto, passa-se a uma breve exposição da história de São Paulo, até o momento das descobertas auríferas de Goiás, o que levou ao estabelecimento do caminho, em cujas paragens vão se estabelecendo moradores.

Ante a decadência da mineração, verifica-se o retorno da população às atividades agrícolas e pastoris, inclusive na região Nordeste paulista, onde vão surgindo as diversas freguesias, que posteriormente adquiriram o *status* de vilas (vide, p. ex., tabela da p. 83). Inicialmente, a terra prestava-se à subsistência, mas com o advento da lavoura cafeeira, verifica-se a emergência de uma economia capitalizante, onde a terra passa a adquirir maior valor.

Segue-se o binômio café-ferrovia, processo, digamos, simbiótico, no qual o café necessita da Mojiana para seu escoamento e, por outro lado, a razão de ser do prolongamento dos trilhos e a própria produção do café. Nesse processo, o trabalho escravo, empregado que fora no apogeu das fazendas de café valeparaibanais, vai encontrar menor espaço no Nordeste paulista, então em tempos mais receptivos ao imigrante.

*Doutor em História. Professor orientador no curso de pós-graduação da UNESP, “campus” de Franca.

Certamente, a crise de 1930 refletiu sobre a região, daí, entre outras transformações, o desmembramento de grandes fazendas em propriedades de área menor, bem como a retomada do plantio do algodão, dados os preços de venda relativamente compensadores. Acrescente-se a agroindústria da cana-de-açúcar e ter-se-á, *grosso modo*, o quadro econômico da região. Finalmente, o capítulo intitulado "Internacionalização e Modernização: os anos 60 a 80", o que certamente não impede a colocação de tabela com dados relativos ao ano de 1996 (p. 229), permitindo assim uma abordagem de um tempo bem próximo ao nosso.

As inúmeras referências a Batatais, bem como suas conexões com outros municípios da região, fazem com que essa obra seja examinada com a maior atenção, por nossos estudiosos.

Walter Cardoso - E-mail: wcardoso@netsite.com.br

CRIADA OFICIALMENTE A SOCIEDADE AMIGOS DA CULTURA

Maria Clarisse Bombonato PRADO*

Momento especial viveu a Sociedade Amigos da Cultura no dia 28 de abril de 2000, data importante no seu calendário, quando foi oficialmente criada, no salão da Câmara Municipal.

Com a presença de amigos, professores, autoridades, o idealizador do projeto da criação desta Sociedade, Sérgio Corrêa Amaro, conduziu brilhantemente os trabalhos desta noite, revelando-se verdadeiro mestre de cerimônia.

O homenageado escolhido para Presidente de Honra da Sociedade, Dr. Jesus Machado Tambellini, acompanhado de sua esposa, Dona Maria Antonieta, era, ali, a figura grata, admirada e aguardada com grande alegria e expectativa. Nem é preciso dizer da justiça da escolha do nome do Dr. Jesus, uma vez que os batataenses já conhecem de há muito a importância que ele deu à nossa cultura, à nossa história, à nossa gente.

Com muita propriedade Gaspar de Sousa Prado Neto, amigo e conselheiro da Sociedade, dirigiu-se ao Dr. Jesus, oferecendo-lhe após um diploma de honra, reforçando ali a grandeza do ilustre homenageado, que retribuiu, por sua vez, com todo conhecimento e autoridade no assunto, discorrendo sobre a história de Batatais.

Momento profícuo também viveu esta noite na palestra do Presidente da Sociedade, professor-doutor Walter Cardoso, historiador e pesquisador incansável, sobre "Cartografia Portuguesa do Século XVI", tema oportuno pela passagem dos quinhentos anos de História do Brasil.

Registrou-se ainda nesta noite a presença inesperada e agradável de José Augusto Fernandes e sua família. Ele, neto homônimo de José Augusto Fernandes (Jean de Frans), veio contribuir com mais informações sobre a biografia do avô, primeiro historiador a pesquisar e escrever sobre Batatais. Grande parte de material pertencente a Jean de Frans foi doado pela família, encontrando-se no arquivo da Câmara Municipal.

Uma exposição de fotos, livros e objetos desse acervo, acompanhada de um descontraído coquetel, fechou a noite da tão esperada abertura da Sociedade, que nasceu poucos meses antes, com os mais legítimos propósitos de preservar e incentivar o amor à cultura, à história e à arte de nossa terra.

*Professora de Português da Rede Estadual de Ensino.

ÍNDICE DE AUTORES/AUTHORS INDEX

- AMARO, Sérgio Corrêa, p.11
BALTAZAR, Alessandra, p.57
BASAGLIA, Claudete Camargo Pereira, p. 41
BIANCO, João Carlos, p. 45
CARDOSO, Clotilde de Santa Clara Medina, p.21
CARDOSO, Walter, p. 59
PEREIRA, José Carlos de Medeiros, p. 53
PRADO, Maria Clarisse Bombonato, p. 61
PRADO NETO, Gaspar de Sousa, p. 7
SERRAZES, Karina E., p. 57
SQUARIZI, Luciana, p. 57
TAMBELLINI, Jesus Machado, p. 9

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE ORIGINAL

A Revista Amicus publica trabalhos inéditos, relativos principalmente a Batatais e região. Os textos serão redigidos de preferência em português.

Recomenda-se que os artigos apresentem os seguintes itens:

Título, autor(es), identificação do(s) autor(es), resumo de, no máximo cinco linhas e cinco unitermos. Completam o texto: referência bibliográfica em inglês (impressa), abstract e keywords.

Os trabalhos devem, de preferência, ser apresentados em duas vias, com cópia das ilustrações. Textos em disquete serão acompanhados do *printer* (cópia impressa, fiel, do disquete), digitados no programa *Word*, em Arial, tamanho 11, espaço simples.

Os dados e conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade dos autores. Os trabalhos que não se enquadrarem nessas Normas para Apresentação de Original serão devolvidos aos autores.

Além de artigos, a Revista AMICUS terá, entre outras, as seguintes seções: Arquivos, Bibliotecas e Museus. Entrevistas, Memórias, Noticiário, Resenhas e Teses, além de outros textos, considerados compatíveis com os objetivos da Revista.

Maiores esclarecimentos acerca das normas de apresentação de original serão prestadas pelo Conselho Consultivo de Publicações.

E-mail: wcardoso@netsite.com.br